



Faculdade Canção Nova

PATRICIA ALVES DE FREITAS

**FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO:
POSSIBILIDADE E IMPORTÂNCIA DO ENSINO - APRENDIZAGEM DE
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM TOMÁS DE AQUINO.**

Cachoeira Paulista – SP

2024



Faculdade Canção Nova

PATRICIA ALVES DE FREITAS

**FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO:
POSSIBILIDADE E IMPORTÂNCIA DO ENSINO - APRENDIZAGEM DE
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM TOMÁS DE AQUINO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a conclusão do Curso de
Licenciatura Plena em Filosofia pela Faculdade
Canção Nova, sob a orientação do Prof. Me.
Rodolfo Anderson Bueno de Aquino

Cachoeira Paulista – SP

2024

Patrícia Alves de Freitas

**FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO:
POSSIBILIDADE E IMPORTÂNCIA DO ENSINO - APRENDIZAGEM DE
FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM TOMÁS DE AQUINO.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
conclusão do Curso de Licenciatura Plena
em Filosofia pela Faculdade Canção Nova,
sob a orientação do Prof. Me. Rodolfo
Anderson Bueno de Aquino

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Avaliadora em ____/____/____

Professor Me. Rodolfo Anderson Bueno de Aquino

Professora Me. Fernanda Aparecida Zanin de Oliveira Aquino

Professor Me. Marcius Tadeu Maciel Nahur

Cachoeira Paulista – SP

2024



Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais (in memorian) Lauro Costa de Freitas e Maria Rute Alves de Freitas, à Família Freitas: irmãos: Lauro e Mauro, cunhadas: Simone e Tânia, sobrinhas: Jéssica e Joyce, sobrinho: Lucas, sobrinho neto: Pedro Filho, aos Professores do Curso de Filosofia da Faculdade Canção Nova: Profa. Fernanda Aparecida Zanin de Oliveira Aquino, Prof. Rodolfo Anderson Bueno Aquino e filhos: Gabriel Bueno e Miguel Bueno, Prof. Marcius Zahur, Profa. Suillan Miguez Boaventura e Prof. Jilian, bem como aos meus estimados amigos de caminhada universitária José Charles, Joanderson, Willamys, Guilherme, Renato e Elielson e à Missionária da Comunidade Canção Nova e minha amiga Rogéria Moreira e sua família Wellington Moreira (esposo) e filhos: Chiara Moreira e Micael Moreira. Agradeço também aos amigos Clarice Fernandes, Rafaet, Leila Reis, Joaquim Reis, Livia Leibel, Carlos Leibel, Sr. Cláudio, Sra. Rosângela, Sr. Alexandre, Sra. Regina e Sra. Ray

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela graça da conclusão do Curso de Filosofia. Curso que realmente tem um real significado em minha vida. Uma vez que os professores e os amigos de classe juntos formamos uma bela família. Família que vive com o que é belo, significativo e verdadeiro. A Filosofia busca sempre a verdade e o curso de Filosofia da Faculdade Canção Nova é a verdade vivenciada pois é baseado na formação de homens novos para o mundo novo, que necessita de verdadeiros protagonistas de suas histórias em que o objetivo é partilhar e dialogar para uma sociedade que possa refletir sobre os valores que regem a vida humana. Levando o ser humano ao autoconhecimento, ter consciência voltada para a verdade e direcionar a sua vontade para o bem e a liberdade para fazer o bem com o seu ato de filosofar.

Na Faculdade Canção Nova aprendi que é preciso se comprometer com o que é nobre, com valores permanentes, ser ético no proceder, agir com justiça e pensar a base da iluminação de Deus. Pois a inteligência humana é de excelência quando depende unicamente de Deus para poder estar a serviço da humanidade. Os conteúdos estudados servem como reflexão e vivência para a vida. Os projetos elaborados são comprometidos com o bem-estar da sociedade, os seminários realizados são provas de que é bom pensar retamente e as avaliações são provas de que a Faculdade é constituída por um excelente corpo docente em que auxilia ao aluno verdadeiramente aprender.

Portanto sou grata a Deus, ao Pai das Misericórdias, a Nossa Senhora, ao Padre Jonas Abib (in memoriam) pela arte de tão belamente se colocar a serviço do próximo que tanto cuidou e formou com maestria, aos Professores da Faculdade Canção Nova em especial: Prof. Fernanda, Prof. Rodolfo, Prof. Marcius, Prof. Suillan e Prof. Jilian, aos amigos de caminhada: José Charles, Joanderson, Willamys, Guilherme, Renato e Elielson e à Missionária e amiga Rogéria Moreira e família. Agradeço também a minha família: Mãe Maria Rute Alves de Freitas e Pai Lauro Costa de Freitas “in memoriam”, aos irmãos Lauro e Mauro, às cunhadas Simone e Tânia, às sobrinhas Jéssica e Joyce, ao sobrinho Lucas, ao sobrinho neto Pedrinho e ao Pedro (esposo da minha sobrinha Jéssica), à amiga Clarice Fernandes, ao amigo Rafaet,



aos amigos Leila Reis e Joaquim Reis, aos amigos Carlos Leibel e Livia Leibel, aos amigos Cláudio e Rosângela, ao amigo Alexandre, às amigas Regina, Eliane e Ray.



“A alegria que se tem em pensar e aprender faz-nos pensar e aprender ainda mais”
(Aristóteles).

RESUMO

O presente trabalho, problematizando o processo de ensino e aprendizagem da filosofia para crianças, amparado na Filosofia da Educação de Tomás de Aquino, por meio metodologia da pesquisa bibliográfica acerca do tema proposto, objetiva entender sobre a importância do ensino de filosofia como condição necessária para aprimorar a participação do aluno no processo de ensino e aprendizagem. No contexto da educação infantil o ensino da filosofia toma uma dimensão ainda mais importante, uma vez que possibilita ao ser humano, desde pequena idade, a refletir sobre a realidade que o circunda, fazendo aplicação do pensar filosófico nas suas ações, ainda que de maneira lúdica e indireta. A premissa parte da importância do ensino da filosofia para crianças e sua relevância no processo de ensino - aprendizagem, sob a égide do pensamento de Tomás de Aquino. Diante deste contexto, a presente pesquisa abordou a temática do ensino da Filosofia para crianças estimulando assim o ato de filosofar e contribuindo para a formação de um ser humano crítico e atuante no contexto social. A conclusão a que se obteve é que o educando requer zelo e atenção no processo educativo no lar e na escola. Nos dois ambientes deve-se ouvir atentamente a criança, olhando-as nos olhos, respondendo às perguntas, incluindo a partilha dos pensamentos e corrigindo-as prontamente. Os adultos responsáveis pelo educando devem exercer a autoridade, não transferindo suas atribuições, assim dizendo, fazendo o que deve ser feito promovendo a formação e não somente instrução.

Palavras-chave: Filosofia para Crianças. Filosofia da Educação. Tomás de Aquino.

ABSTRACT

The present monograph, problematizing the process of teaching and learning philosophy for children, based on the Philosophy of Education of Tomás de Aquino, through bibliographic research on the proposed theme, objective understanding of the importance of teaching philosophy as a condition need to improve student participation in the teaching and learning process. In the context of early childhood education, the teaching of philosophy takes on an even more important dimension, as it enables human beings, from a young age, to reflect on the reality that surrounds them, applying philosophical thinking in their actions, even if in a playful and indirect. Based on this proposal, the proposal was made to study the importance of teaching philosophy to children and its importance in the teaching and learning process, under the aegis of the thought of Tomás de Aquino, explaining that teaching is not something else that causes science in others, understanding the teaching as the transfusion of science from the master to the disciple. In this way science is caused internally in the mind. Given this context, the present research addressed the theme of teaching Philosophy to children, thus stimulating the act of philosophizing and contributing to the formation of a critical and active human being in the social context.

Keywords: Philosophy for Children. Philosophy of Education. Tomás de Aquino.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1 Processo de Ensino e Aprendizagem na Educação Infantil.....	15
1.1 Desenvolvimento Intelectual da criança.....	17
1.1.1 Teoria de J.Piaget.....	19
1.1.2 Teoria de L.Vygotsky.....	23
1.2 Ferramentas de Ensino na Educação Infantil.....	24
1.2.1 A criança e o brincar.....	25
1.2.2 Os benefícios dos jogos e das brincadeiras.....	27
1.2.3 O lúdico na aprendizagem escolar.....	28
1.3 Recursos necessários para a facilitação da aprendizagem.....	30
1.3.1 Seleção e organização do conteúdo.....	30
1.3.2 Sequência e estrutura lógica do conteúdo.....	31
1.3.3 Estratégias e técnicas de ensino e recursos didáticos.....	32
Capítulo 2 Saber Filosófico.....	35
2.1 Filosofia Tomista e sua contribuição para a Educação.....	35
2.2 Diretrizes e parâmetros curriculares de Filosofia.....	38
2.3 A Filosofia e os processos racionais de reflexão.....	42
2.4 A Filosofia e sua contribuição para o sentido da vida humana.....	47
Capítulo 3 O ato de filosofar para as crianças.....	51
3.1 Metodologias e técnicas de construção do saber filosófico nas crianças.....	52
3.2 Avaliação crítica e integrativa da construção do saber filosófico.....	54
Conclusão.....	56
Referências.....	57

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre a importância do ensino de filosofia é condição necessária para aprimorar a participação do aluno no processo de ensino e aprendizagem. No contexto da educação infantil o ensino da filosofia toma uma dimensão ainda mais importante, uma vez que possibilita ao ser humano, desde pequena idade, a refletir sobre a realidade que o circunda, fazendo aplicação do pensar filosófico nas suas ações, ainda que de maneira lúdica e indireta.

Partindo dessa premissa foi feita a proposta de estudar a importância do ensino de filosofia para crianças e sua importância no processo de ensino e aprendizagem, sob a égide do pensamento de Tomás de Aquino.

Tomás de Aquino explica que ensinar não é outra coisa que causar a ciência em outrem, entendendo o ensinamento como a transfusão de ciência do mestre para o discípulo. Deste modo a ciência é causada interiormente na mente

Diante deste contexto, a presente pesquisa abordou a temática do ensino da Filosofia para crianças estimulando assim o ato de filosofar e contribuindo para a formação de um ser humano crítico e atuante no contexto social.

A título de problematização do referido assunto delineado acima, foram abordados os seguintes questionamentos: Como ocorre o processo de ensino-aprendizagem da filosofia para crianças, fazendo com que ela desenvolva o pensar desde a educação infantil? Qual a relação do estudo de filosofia e o desenvolvimento cognitivo da criança? Como incluir o ato de filosofar no processo ensino-aprendizagem da criança? Como ocorre o desenvolvimento intelectual da criança? Quais são as ferramentas de ensino na educação infantil e no ensino fundamental? Quais são os recursos necessários para a facilitação da aprendizagem?

A escolha do assunto se deve pelo fato da pesquisadora ser formada em pedagogia e ter interesse na educação de crianças e jovens, aliado ao amor que a pesquisadora tem para a filosofia, de modo que os interesses unidos irão contribuir para a discussão sobre este rico assunto.

Trata-se, sem dúvida, de tema de grande atualidade e evidente relevância social, técnica e científica, uma vez que o ensino de Filosofia para a criança é importante pois leva a criança a aprender a pensar melhor valorizando o pensamento reflexivo, diálogo e investigativo, buscando ter uma postura crítica perante os

conteúdos abordados de modo integrador e que os mesmos tenham sentido para a própria vida.

Neste sentido, Lipman (1990), afirma que a formação da destreza do pensar através da filosofia desde cedo oferece à criança a possibilidade do desenvolvimento da racionalidade no ato de pensar bem. As destrezas cognitivas a serem trabalhadas são destrezas do raciocínio que permite o conhecimento a partir de inferências ou conhecimento já adquiridos, a destreza quanto à formação de conceitos e a destreza da investigação quanto à utilização de métodos científicos quanto à solução de problemas.

A contribuição da Filosofia para a formação da criança ocorre quando há valorização de assuntos que sejam de interesse da criança. A sala de aula deve ser transformada num campo de investigação em que o diálogo pedagógico é a pedagogia do pensar bem; um pensar crítico, criativo, ético e político. Filosofar dentro de uma escola requer uma linguagem acessível para a criança.

O ensino de Filosofia para crianças não é estimulado desde muito tempo, sendo recentes as discussões sobre o assunto. Inclusive, no que tange à inserção desta disciplina na Base Nacional Curricular, verifica-se que a mesma está presente apenas no ensino médio, quando a criança já perdeu o interesse por observar, questionar, encantar-se ou opor-se perante as realidades que o cerca, uma vez que ao longo da adolescência passaram por um processo social de entorpecimento da consciência e da capacidade de raciocinar e refletir criticamente sobre a realidade.

Este trabalho partiu das seguintes hipóteses supondo que o ato de filosofar no processo ensino-aprendizagem da criança deva partir das realidades cotidianas, vividas por cada criança. Desta forma, a partir das situações vividas por esta criança, ela terá condições de refletir sobre os acontecimentos, desenvolvendo assim o seu senso crítico perante à sua realidade, obviamente que sempre de acordo com a faixa etária em que se encontra.

Quanto ao desenvolvimento intelectual da criança partiu-se da premissa que o mesmo ocorre de modo diferente a cada período da vida, o que será descoberto ao longo da pesquisa bibliográfica. Imagina-se também que em cada um desses períodos a criança possua um nível de racionalidade diferenciado. O ensino de filosofia irá ajudar a criança a usar a sua racionalidade da melhor maneira em cada uma das etapas do seu desenvolvimento.

Na seara da educação infantil deve-se trabalhar com elementos concretos e com recurso audiovisual que possa treinar a habilidade motora e principalmente salientar a importância da relação social com o colega, exercitando a preocupação com o outro, bem como fazendo com que a criança tenha interesse pela novidade e prazer em descobrir coisas e sentimentos novos, trazendo para o contexto da sala de aula elementos que fazem parte do cotidiano de cada aluno.

A filosofia pode despertar nos alunos um interesse pelo processo de ensino e aprendizagem na medida em que os mesmos passam a ver sentido e significado nas mensagens transmitidas pelos professores, sendo o estudo da filosofia fundamental para o desenvolvimento da capacidade cognitiva da criança.

A pesquisa realizada teve por objetivos conhecer o processo ensino-aprendizagem na educação infantil e no ensino fundamental; compreender o desenvolvimento cognitivo da criança; analisar a importância da filosofia na educação; vivenciar o ato de filosofar no cotidiano.

A revisão bibliográfica foi feita mediante leitura sistemática, com fichamento de cada obra, ressaltando os pontos abordados pelos autores sobre cada assunto a ser pesquisado, fazendo uso de fontes primárias e secundárias.

O trabalho apresenta a seguinte subdivisão: no capítulo 1 relata sobre o processo ensino aprendizagem na educação infantil em que o processo de autonomia é gradativo em que a participação do educador é importante para que o educando possa se sentir seguro para seguir progressivamente o processo educacional. Buscando sempre através de atitudes práticas solucionar os desafios que ocorrem durante a aprendizagem. Sabendo que cada criança tem o próprio ritmo e, portanto, precisa ser respeitado para que realmente ocorra o progresso de forma livre sem deixar de entender as suas necessidades. Portanto o trabalho do professor é ser o mediador para que a criança tenha o acompanhamento necessário e assim ir realizando as descobertas que facilitam o processo ensino-aprendizagem. Ressaltando que o ato de brincar entusiasma a criança a interagir com o próximo, a respeitar regras e saber que é um ser social e que para haver a aprendizagem verdadeiramente é necessário a partilha. O estudo permite que a criança esteja em constante transformação. O ato de brincar precisa ser vivenciado pela criança pois desta forma haverá a integração social, psicomotora, emocional e cognitiva.

É importante que a criança possa conhecer, distinguir, generalizar e tirar conclusões. Vários fatores colaboram para o desenvolvimento cognitivo da criança

sendo que o educador precisa acompanhar o educando em todo o processo educacional registrando os fatos que revelam a assimilação do educando.

Jean Piaget e Vygotsky contribuíram com o desenvolvimento do educando uma vez que valorizam os estágios de todo o processo ensino aprendizagem que precisam respeitar os mesmos a fim de que as atividades desenvolvidas de acordo com as características de cada período vivenciado pela criança. Assim como o meio ambiente que colabora de forma direta e contínua com todo o processo educacional do educando.

No capítulo 2 retrata a Questão XI sobre o Mestre, onde Tomás de Aquino ressalta sobre a necessidade do educando ser acompanhado por um professor que realmente conhece os estágios vivenciados pelos educandos na medida em que todo o plano de ensino seja baseado no desenvolvimento da criança com ressalva nos valores que desde da educação infantil precisam ser trabalhados em especial a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança. De forma lúdica o mediador poderá abordar nas atividades brincadeiras e dinâmicas que incentivem o educando a buscar cada vez mais construir de forma ordenada e integrada o próprio processo educacional levando o mesmo a argumentar para que possa observar, interpretar, analisar, sintetizar e aplicar os conhecimentos que de forma lúdica é ocorrendo de forma progressiva.

Segundo Tomás de Aquino o ser humano é levado a pensar de forma construtiva uma vez que é iluminado por Deus pois somente Deus é capaz de atuar no desenvolvimento integral do indivíduo para levá-lo a contemplar o belo, o bem e o justo mesmo na educação infantil pois desta forma ocorrerá a formação da criança de maneira harmoniosa.

O mediador deve desde do ensino infantil buscar a verdade diante do conhecimento mesmo que pela ludicidade e pela “gamificação” levar o educando a discernir entre o certo e o errado mostrando o caminho que o leva e escolher verdadeiramente o melhor para a viver e conviver. Segundo Tomás de Aquino o ser humano cresce quando ensina e ensina quando cresce. Logo o homem é sábio quando é capaz de ensinar e partilhar com o próximo o conhecimento que adquiriu por descoberta de forma assistemática como também pelo ensino de forma sistemática.

O ensino da filosofia está vinculado a temas transversais ligados a ética, valores e atitudes cidadãs. A reflexão filosófica inicia valorizando o senso comum. A filosofia

tem entre os seus objetivos a descoberta da verdade. Ao longo do tempo a Filosofia tem sido área de estudo diversa no contexto histórico. A Filosofia também tem contribuído para o sentido da vida humana. Vicktor Frankl muito contribui para a busca do sentido da vida uma vez que valoriza a existência humana. Cada ser humano tem uma missão, sendo descoberta vivencia-se com autonomia em equilíbrio com a razão, com a vontade e com a liberdade.

No capítulo 3, segundo Mathew Lipmam, a Filosofia é um campo de estudo que ajuda o ser humano a desenvolver as suas habilidades de forma consciente e sempre atuante por meio do diálogo que permite o ser humano a partilha de conhecimentos. Somente aquele que tem um objetivo a realizar tem a possibilidade de buscar a verdade, ser virtuoso e interagir de forma plena no processo ensino aprendizagem. Um dos objetivos revela que a Filosofia para criança poder ser trabalhada desde que o mediador estiver consciente que é necessário questionar, interpretar e aplicar no cotidiano.

CAPÍTULO 1 PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No processo ensino aprendizagem, Souza (2020) cita que o desenvolvimento da autonomia na educação infantil é um processo de construção gradativa, onde a participação do educador é importante para que esse processo possa desenvolver sendo necessário que a criança se sinta confiante e segura nas suas atitudes. Desta forma busca uma melhor integração e capacidade de resolver problemas encontrados no cotidiano. Sabendo que cada criança é única e precisa ser compreendida na sua particularidade, entende-se que uma das formas de desenvolver a autonomia consiste em não coagir as crianças a agir de forma agradável mas em respeitar a vontade, a realidade, o tempo e a individualidade de cada uma; dando liberdade para que se expressem de forma que é melhor para elas e possibilitando diferentes vivências por meio das quais possam conhecer e compreender o mundo.

É essencial identificar como é o trabalho do desenvolvimento da autonomia na educação infantil. De acordo com autora acima citada identificar como é o trabalho de desenvolvimento da autonomia da criança em prol do seu crescimento intelectual e conceder a oportunidade das crianças da educação infantil no desenvolvimento da autonomia.

De acordo com Nogueira e Pilão:

No desenvolvimento infantil, gradualmente a criança se torna mais autônoma; pelo menos essa é a tendência natural ou ideal, a medida que a criança se desenvolve, espera-se que seja menos governada por outros. Quando a pequena, a criança necessita de cuidados de outras pessoas, sendo, portanto, considerada heterônoma; à medida que seu físico e seu psicológico amadurecem, ela se torna mais capacitada a governar-se, a agir de forma mais independente, ela não precisa do outro, tornando-se então autônoma.

É importante esclarecer (Souza, 2022) que o desenvolvimento da autonomia, além de depender também suporte material. Uma vez que devemos começar a trabalhar a autonomia desde a educação infantil. Outro aspecto importante de grande relevância é o trabalho individual, assim como o coletivo e o cooperativo, no processo da busca pela autonomia. A autonomia não é apenas a liberdade de fazer o que se quer, mas a responsabilidade em decidir sobre o próprio comportamento. Portanto, o ensinar nesse caso, são contribuições preciosas para um novo

aprendizado ,através das descobertas as crianças aprendem realizar suas tarefas de forma prazerosa aos acertos e ao crescimento de novas aprendizagens.

Para Rousseau (1995)

[...] a autonomia da criança consiste em deixá-la viver seu mundo infantil de forma natural, de forma livre, porém sem abrir mão de atender suas necessidades, pois é tomando consciência de sua dependência social que ela entenderá que suas ações no mundo devem ser limitadas.

Através da própria liberdade de escolha a criança vai conhecendo as coisas e criando sua própria autonomia sem ajuda dos adultos. Já para Freire, a autonomia é condição humana do indivíduo que se reconhece como ser histórico e que é capaz de compreender e transformar a sua realidade. Segundo esse autor uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como sujeito. (Freire, 1996, p.46).

Para que a criança consiga desenvolver sua autonomia é necessário o intermédio do professor, para que assim possam acertar seus erros direcionar seus acertos em uma única direção, pois com a orientação do professor a criança tem amior chance de aprender de maneira correta sem precisar retornar o que já foi feito para fazer novamente.

O trabalho do professor que se faz em favor da autonomia não anula a criança tal como ela é, não descartando os seus conhecimentos e não tenta embutir nela características de outras crianças e nem tenta mudar sua personalidade ,somente ajuda a criança a desenvolver sua autonomia cada vez mais e mais para que assim possam ser pessoas autônomas de suas próprias decisões e capazes de resolver qualquer problema enfrentado na sua vida adulta. (Marafon, 2012, p. 128).

O ato de brincar é fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança.É nesse momento que ela desenvolve vários sentidos, criando assim características de personalidade ,incluem nesse contexto as fantasias , os medos , os desejos , as criatividades . Entende-se que é aí é que passa a descobrir o mundo exterior , tudo isto a partir de seu conhecimento.

O estudo nos permite entender que a criança precisa estar em constante

transformação , isto para que possa experimentar ousar, tentar, conviver com as mais diversas situações. Brincando com outras crianças , com adultos, com objetos , com o meio em que vive. A brincadeira individual também é importante para seu desenvolvimento, mas a brincadeira com outras crianças ajuda desenvolver o convívio social.

Segundo Vygotsky (1987), as brincadeiras ocorridas durante os momentos de aprendizagem ajudam as crianças a interpretar as ações que elas devem realizar seja elas em conjunto com outras crianças , com um adulto ou mesmo individualmente."A ação pelas crianças , assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos , crianças e adultos." (Vygotsky, 1987, p. 35).Entende-se que as brincadeiras não servem apenas para o ato de educar ,elas servem para a interação do aprendiz com seu mestre e todo seu ambiente social.

O brincar é natural na vida das crianças, além de ser um gesto prazeroso e descontraído também é a construção do conhecimento para a vida, fazendo parte do seu cotidiano, sendo espontâneo, prazeroso e sem comprometimento. Reconhecem como brincadeiras, os momentos de descontração e aprendizado, principalmente aqueles que foram criados para os desenvolvimentos cognitivos entre as crianças, pois, elas estão desenvolvendo sua personalidade, criatividade e a emoção de estar em contato com outras crianças, assim o ato de brincar não é uma simples brincadeira e também um aprendizado para sua vida é quando elas começam a enxergar o mundo.

1.1 Desenvolvimento Intelectual da criança

O desenvolvimento intelectual tem processos que desenvolvem no indivíduo a capacidade para desenvolver. Esta capacidade vai se formando na criança na medida que observa, distingue, generaliza e tira conclusões.Vários fatores determinam o desenvolvimento intelectual da criança: potencialidade, motivação, a interação com o meio ambiente, atendendo às tendências naturais, físicas e fisiológicas.

Segundo Goldfield (1997) refere que o desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança se inicia no início da vida do bebê, sendo que nesta fase o pensamento e a linguagem estão dissociados. Vygotsky (1991) trabalha com a idéia que essas funções são denominadas pensamento não verbal e linguagem não

intelectual e inicialmente são reações instintivas. Com base nas significações que a mãe confere às ações do bebê, ele começa a compartilhar desses significados, assim, o choro e o balbucio passam a ter função comunicativa (Goldfield, 1997). Partindo deste entendimento, a linguagem, a percepção e discriminação auditiva, a percepção e discriminação visual, o esquema corporal e a lateralidade, a orientação espacial e a ordenação temporal, são funções do desenvolvimento intelectual (Aranha, 2002).

No estudo do comportamentalismo que é a visão teórica que define desenvolvimento em termos de mudanças de comportamento causadas por influências ambientais. (Bee; Boyd, 2011 p. 27). A abordagem behaviorista de desenvolvimento cognitivo estuda a mecânica básica da aprendizagem. Assim, os bebês nascem com a capacidade de aprender a partir da experiência e a maturação é essencial para que essa capacidade de aprender aumente. Para os behavioristas os mecanismos de aprendizagem do bebê são os mesmos para crianças mais velhas e para adultos. (Papalaia, 2000). Eles acreditam que o comportamento do bebê muda em respeito às experiências. Como parte do desenvolvimento cognitivo das crianças, a capacidade de aprender com o que veem, ouvem, cheiram, degustam e tocam vai evoluindo. Há dois processos que os behavioristas estudam para entender o processo cognitivo são: condicionamento clássico (Martorell, 2014), o indivíduo dá uma determinada resposta para obter um efeito particular.

Com relação ao desenvolvimento da criança a primeira infância compreende o período até os três anos de vida e é a primeira fase do desenvolvimento infantil. É a fase mais importante pois é nessa fase que a criança desenvolve o intelecto. A criança absorve novas e grandes conquistas. As características mais importantes absorvidas pelas crianças ao final da primeira infância estão o caminhar de forma ereta e a aquisição da linguagem. Ao andar a criança tem contato com os objetos e maior contato com o mundo externo. Nesse momento a criança adquire nova concepção em relação aos objetos que anteriormente era apenas manipulação, os objetos passam a ser vistos de acordo com a função, ou seja, com a sua determinada finalidade.

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem são essenciais para a criança porque pelo domínio da linguagem a criança modifica a forma de comunicação com os adultos que estão ao seu redor como também com as crianças que estão a sua volta. Na primeira infância, a linguagem progride por duas causas: o

aperfeiçoamento de sua compreensão da linguagem do adulto e o desenvolvimento de sua linguagem ativa própria. (Mukhina, 1996 p. 124, *apud* Guimarães, 2008, p. 28).

Segundo Mukhina (1996, *apud* Guimarães, 2008, p.28) afirma que o ambiente social que a criança está inserida é a fonte para o desenvolvimento psíquico.

A criança maior, que se aproxima dos seis anos, está bem mais consciente de suas ações e de suas necessidades e realiza esta consciência em ações concretas. Nesta fase a criança já está apta a controlar os processos de memorização e reprodução. A criança que entra na educação infantil é extremamente importante a orientação, a aquisição e a produção do conhecimento próprios da criança, auxiliando-a a colocar-se no ambiente social como pessoas gradativamente autônomas dentro dos limites e regras de convívio. Durante o processo de aprendizagem o educando de seus próprios significados para a construção do seu próprio conhecimento, onde a aprendizagem torna-se um processo que auxilia a criança a colocar no ambiente social onde a mesma está inserida.

No entendimento de Piaget e Vygotsky o conhecimento é estabelecido a partir da relação entre o sujeito e os objetos ou ainda a relação entre os sujeitos. Neste caso o conhecimento ocorreria por um processo de construção em que o sujeito seria o protagonista.

1.1.1 Teoria de J. Piaget

Segundo Piaget (1975, *apud* Coria-Sabini; Lucena, 2008, p.15) ao aprender o indivíduo não tem um papel passivo perante as influências do meio, e sim procura adaptar-se a elas em uma atividade organizadora com os estímulos interpretados.

Na teoria epistemológica Piaget discorre sobre as relações do sujeito e do objeto no processo de construção do conhecimento, mostra ainda como o conhecimento se desenvolve. No processo de interação com o objeto cada indivíduo é um sujeito ativo de seu desenvolvimento cognitivo.

No processo de interação com o objeto cada indivíduo é um sujeito ativo de seu desenvolvimento cognitivo. Nessa abordagem interacionista buscou entender os mecanismos que o sujeito utiliza para compreender o ambiente. (Guimarães, 2008, p.24). A compreensão do desenvolvimento de zero até sete anos é de grande

relevância no processo de análise da percepção, assimilação e vivência de mundo, nos diversos contextos que a criança vive. Neste sentido “[...] a aprendizagem é um processo adaptativo se desenvolvendo no tempo em função das respostas dadas pelo sujeito a um conjunto de estímulos anteriores e atuais[...]” (Piaget, 1974, apud Coria-Sabini; Lucena, 2008, p.15), sendo o desenvolvimento um fator condicionante na aprendizagem.

Para Piaget (*apud* Wadsworth, 1996, *apud* Teberga, 2012, p. 11), a atividade intelectual não pode ser separada do funcionamento total do organismo, uma vez que o funcionamento intelectual como forma especial de atividade biológica.

Os “[...] atos intelectuais são entendidos como atos de organização e de adaptação ao meio”. (Wadsworth, 1996, *apud* Teberga, 2012, p.13), pois “[...] à medida que as estruturas cognitivas se transformam, o sujeito apresenta mudanças substanciais no seu comportamento ao interagir com o meio físico e social” (Vieira; Lino, 2007, p. 206).

De acordo com Piaget há quatro fatores que são responsáveis pelo desenvolvimento: esquema, assimilação, acomodação e equilibração. Todos estes fatores estão relacionados ao desenvolvimento sensório-motor e ao desenvolvimento pré-operacional.

O primeiro fator, conhecido como esquemas “[...]são estruturas que se adaptam e se modificam com o desenvolvimento mental” (Wadsworth, 1996, *apud* Teberga, 2012, p.13). Por meio dele a criança se adapta ao meio, organizando-se de acordo com os seus interesses. Eles modificam continuamente e podem ser refinados ao longo do desenvolvimento sensório-motor até a criança tornar-se um adulto. (Coria-Sabini; Lucena, 2008, p.16).

Tais possibilidades se realizam por meio da assimilação ou experiência, que segundo Teberga (2012, p.14) é o processo cognitivo pelo qual o indivíduo integra novos dados perceptuais, motores ou conceituais nos esquemas ou padrões de comportamentos já existentes. Nesse sentido Coria-Sabrini e Lucena (2008, p.17) aponta que existem dois tipos de experiência, uma física, que consiste em voltar-se ao objeto e perceber suas formas, dimensões e cores assim como existe uma experiência lógico-matemática que consiste em estabelecer relações entre os objetos. Para Wadsworth (1996, *apud* Teberga, 2012, p.15), a assimilação pode ser vista como o processo cognitivo de relacionar novos elementos a esquemas existentes. Por meio

da assimilação o indivíduo se adapta ao meio em que vivem, transformando seus esquemas internos pelo processo da acomodação.

Por acomodação entende-se que é a adequação de esquemas anteriores aos novos aprendizados e estímulos recebidos do ser humano. Nesse processo de acomodação, a criança, segundo Wadsworth (1996, *apud* Teberga, 2012, p.15) pode fazer duas coisas: ou criar um novo esquema no qual possa encaixar o estímulo ou modificar o esquema de modo que o novo estímulo possa ser nele incluído.

No processo de assimilação e acomodação a criança chega ao processo de equilíbrio, não no sentido de um simples equilíbrio de forças, mas de uma sequência de compensações ativas do sujeito em resposta às perturbações exteriores sendo o desequilíbrio extremamente oportuno e necessário para o desenvolvimento da criança.

Segundo as características das estruturas mentais nas várias idades Piaget definiu quatro estágios de desenvolvimento: o estágio sensório-motor (0 a 2 anos) , o estágio intuitivo ou pré-operacional (2-7 anos) ; o estágio das operações concretas (7-12 anos) e o estágio das operações formais (12 -16 anos) (Vieira; Lino, 2007, p.207).

Em razão da estrutura do presente trabalho serão abordados a seguir os estágios correspondentes ao período da educação infantil, quais sejam o estágio do desenvolvimento sensório motor e o estágio do desenvolvimento pré-operacional.

O estágio do desenvolvimento sensório-motor é o mais primitivo do desenvolvimento intelectual que se inicia com o nascimento da criança, caracterizando-se basicamente por sua natureza reflexa inata e por meio de ações sensório-motoras.

Segundo Wadsworth (1996, p.25), os sentimentos afetivos emergem no decorrer do desenvolvimento sensório-motor e cedo já podemos observá-los desempenhando um papel na seleção de ações infantis.

Para Pinto e Cachel (2011, *apud* Teberga, 2012, p.19) as conquistas das crianças apresentam durante o processo de desenvolvimento social não são padrão, pois cada criança tem seu tempo e maturação específicos. Apresentam a descrição de algumas particularidades fundamentais, no processo do desenvolvimento motor nos bebês, do nascimento ao vigésimo quarto mês de idade como se verá a seguir:

- a) De zero aos três meses: não percebe ainda que o seu corpo está separado ao de sua mãe, começa a perceber a diferença entre objetos e pessoas.

- b) Dos três aos seis meses: demonstra curiosidade por outras crianças, simpatiza-se mais com seres humanos do que com objetos, manifesta-se com mudanças bruscas no cotidiano;
- c) Dos seis aos nove meses: as brincadeiras de perdeu/achou lhe agradam, assusta-se com situações desconhecidas, demonstra carinho com apertos no rosto da pessoa que ama.
- d) Dos nove aos doze meses: percebe que não faz mais parte do corpo de sua mãe, corresponde aos pedidos de beijos, tchau e bater palmas, repete situações nas quais foi premiado; procura pessoas conhecidas com o olhar;
- e) Dos doze aos dezoito meses: tem preferência por estar acompanhado nas brincadeiras, testa os adultos para saber até onde pode ir, aprecia a companhia de outras crianças, estar com mais pessoas lhe agrada profundamente, entende o que lhe falam, mas nem sempre faz o que pedem;
- f) Dos dezoito aos vinte e quatro meses: a imitação é um processo natural em suas atividades, mostra quando gosta ou não gosta de estar em lugares diferentes, interage com crianças e pessoas mais próximas, sempre que o brincar de outras crianças, começa o processo de socialização com outras crianças.

No estágio pré-operacional, o pensamento sofre uma transformação qualitativa em função das modificações gerais da ação. “É o estágio da inteligência intuitiva, do surgimento da linguagem, do desenvolvimento da função simbólica, dos sentimentos entre os indivíduos e das relações sociais de submissão dos adultos” (Vieira; Lino, 2007, p. 209).

De acordo com Wadsworth (1996 apud Teberga, 2012, p.21), “gradativamente ela passa a ser capaz de representar eventos internamente e tornar-se menos dependente de suas ações sensório-motoras para direcionar o comportamento”. Para melhor compreensão do desenvolvimento pré-operacional cabe mencionar as habilidades representacionais, ou seja, a maneira como as crianças percebem o exterior, por meio de sentidos. Outra característica desse estágio é a ausência de reversibilidade. As ações interiorizadas não atingem ainda o nível das operações reversíveis, pois o pensamento da criança é basicamente egocêntrico e não reversível.

1.1.2 Teoria de L. Vygotsky

O desenvolvimento da atividade intelectual, segundo Vygotsky ocorre com a participação ativa da linguagem. Por meio da fala o mundo é percebido não somente através dos olhos e assim o processo imediatista da percepção é suplantado por um processo de mediação, passando o mundo a ser visto como algo que tem sentido e significado (Coria-Sabini; Lucena, 2008, p.17). O início da inteligência prática na criança [...] é independente da fala. [...] e os primeiros esboços de fala inteligente são precedidos pelo raciocínio técnico e este constitui a fase inicial do desenvolvimento cognitivo” (Vygotsky, 1998, p.28). Por volta dos dois anos a fala da criança torna-se intelectual e generalizante com função simbólica, a interação com o meio social, ou seja, com indivíduos de maior cultura propicia maior desenvolvimento para a linguagem verbal da criança. Para Vygotsky a aprendizagem e o desenvolvimento humano só ocorrem quando o indivíduo interage com o meio social realizando o papel da via dupla do desenvolvimento, que se dividem em real e potencial. Para explicar a passagem entre os estágios do desenvolvimento, Vygotsky (1989, apud Cória - Sabini; Lucena, 2008, p.23) criou o conceito de zona de desenvolvimento proximal definida como:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com os companheiros.

Vygotsky (1998, p.41) afirma que para poder entender o desenvolvimento da criança é preciso antes entender suas necessidades, que não podem ser ignoradas, pois através do entendimento dessas necessidades podemos entender seus avanços. A criança de idade pré-escolar tem uma grande quantidade de desejos que nem sempre podem ser supridos. Para resolver essa questão a criança entra em um mundo imaginário, onde esses desejos impossíveis de serem realizados no mundo real são possíveis no mundo imaginário, o mundo de brincar.

Através do brinquedo a criança se envolve em uma situação imaginária, situação essa que envolve regras de comportamento. Se a criança brinca de ser mãe ela se imagina como mãe, reproduz e obedece a regras que denominam a

forma de como é o comportamento de uma mãe, de como ela acha que uma mãe se comporta ou deveria se comportar. O brinquedo não dita as ações da criança quando brinca, mas sim as ideias que ela tem e que vão surgindo no decorrer da brincadeira. Sendo assim para toda situação imaginária criada pela criança com seu brinquedo, há regras de comportamento presentes na sociedade que por ela está sendo interpretada e representada (Vygotsky, 1998, p.122).

O brinquedo tem um papel de antecipar o desenvolvimento para a prática social da criança. E ao imitar os mais velhos, a criança tem oportunidade de se desenvolver intelectualmente. Pois, no início é apenas imitação e reprodução de situações reais, mas com a dinâmica da imaginação e regras, a criança começa a ter controle sobre seu pensamento abstrato. Através do brinquedo a criança aprende a agir de forma cognitiva, com motivações internas e não mais por incentivos externos. É também a oportunidade de criar e ser quem ela quiser, ou seja, de representar coisas, pessoas, fatos que ocorrem no dia-a-dia. Dentro da situação imaginária ela vive outra vida, uma vida imaginária em que ela é participante ativa, diferente do mundo real em que ela tem apenas que ouvir, obedecer, respeitar as regras e não pode se envolver em assuntos dos adultos por ser criança. Esse é o pensamento abstrato, particular, interior, imaginativo, onde se podem arquitetar coisas, ideias. Através da brincadeira a criança tem a oportunidade de exercer esse pensamento, de treiná-lo, colocando-o em prática. (Vygotsky, 1998, p.126).

O brinquedo tem uma grande influência no desenvolvimento da criança, pois através dele a criança aprende a agir de forma cognitiva dentro da situação imaginária aprendendo a dirigir seu comportamento dependendo apenas dela e não de influências externas. Suas ações surgem através de suas ideias e não de seus objetos, tanto que um brinquedo pode virar qualquer coisa na mão de uma criança.

O comportamento de uma criança brincando é diferente do comportamento dela na vida real, ao brincar a criança prioriza o significado, já na vida real a ação é predominante. Seu comportamento vai além do habitual de sua idade. Com o brinquedo a criança torna possíveis as coisas que são quase impossíveis na vida real. (Vygotsky, 1989 *apud* Cória-Sabini; Lucena, 2008, p.35).

1.2 Ferramentas de Ensino na Educação Infantil

1.2.1 A criança e o brincar

A relação entre a criança e o brincar, analisando os benefícios dos jogos e das brincadeiras para as crianças demonstrando como pode auxiliar no processo de aprendizagem. Destacam-se os estudos de Kishimoto (1996), Queiroz e Martins (2002), Brougère (2006) e Machado e Nunes (2011).

De acordo com o Referencial curricular nacional para a educação infantil (1998, p. 15) a concepção da criança é uma noção historicamente construída historicamente e consequentemente vem modificando ao longo dos tempos. Boa parte das crianças pequenas brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso que as conduz desde muito cedo a precárias condições de vida e ao trabalho infantil, ao abuso e a exploração de adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento. Essa dualidade revela a contradição e conflito de uma sociedade que não resolveu ainda as grandes desigualdades sociais presentes no cotidiano.

Deve-se estar atento à necessidade de compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças estarem no mundo. (Referencial curricular nacional para a educação infantil, 1998, p. 22). Esse é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. E como atividade natural da criança encontra-se o brincar. Toda criança desde sempre brinca e interage com os outros. Interessante e necessário se faz trazer essa brincadeira para o universo escolar com o intuito de aprimorar a atividade educativa.

Segundo Queiroz e Martins (2002, p.7), “[...] lúdico é tudo aquilo que diverte e entretém, seja em forma de atividade física e mental”. Afirmam que os jogos, brincadeiras e brinquedos fazem parte do lúdico. Sendo que as brincadeiras podem ou não ter regras e na maioria das vezes são desenvolvidas espontaneamente. Sua proposta recreativa envolve o caráter físico ou mental, geralmente são simples e fáceis. Já os jogos apresentam regras e nem sempre são espontâneos, exige um comportamento mais organizado e nele sempre vai haver um vencedor, um derrotado ou um empate. Entretanto ambos podem fazer parte do processo de aprendizagem e no desenvolvimento da criança.

Machado e Nunes (2011, p.32) completam dizendo que o lúdico é presente e responsável para o relacionamento entre as pessoas onde o jogo estabelece uma

relação de parceria, mesmo que ambos sejam adversários. Além do que quando a criança brinca percorre um mundo imaginário revelando assim suas vontades, atitudes e emoções, botando para fora seus medos e sonhos. Sendo assim, ela tem o poder de criar, inventar, construir e representar sua própria realidade através da brincadeira.

Segundo Kishimoto (1996, p. 25) o empenho dos adultos em estimular os bebês a interagirem com aqueles que lhe são próximos e com seus brinquedos é uma forma espontânea de iniciação ao ato lúdico. O ato de brincar assim evolui, altera-se de acordo com os interesses próprios da faixa etária, conforme a necessidade de cada criança e também com os valores da sociedade a qual pertence. Cada vez mais reconhecidas como fontes de benefícios para as crianças, as brincadeiras tradicionais vêm recebendo a valorização de pais, educadores e recreacionistas. A programação curricular tem, assim, incluído várias dessas atividades lúdicas, especialmente nas escolas infantis e nas primeiras séries do primeiro grau.

Brougere (2006, p. 27) afirma que a criança tem no brinquedo um suporte para suas ações, através dele, ela reproduz a realidade a sua volta. Por isso, a brincadeira não deve ser limitada, pois tudo o que a criança faz, tem sentido.

Kishimoto (1996, p.36) ainda aponta que o brinquedo coloca a criança na presença de reproduções de tudo o que existe no cotidiano, na natureza e nas construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetivos reais, para que possa manipulá-los e incorporando-os de maneira adequada na sua realidade. Segundo Kishimoto (1996, p.37) o fabricante de brinquedos, introduz imagens que variam de acordo com a cultura, devendo a criança fazer a própria escolha dos brinquedos, adequados à sua idade, cultura, identidade, gosto ou preferência.

A brincadeira não pode ser reduzida ao jogo. O jogo é sempre um suporte para a brincadeira. É o estímulo por meio do qual irá fluir o imaginário infantil, onde serão feitas as representações das crianças. A brincadeira é a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica, realizando ao nível infantil o relacionamento grupal guiado por regras de convivência que serão gradativamente utilizadas de maneira mais complexa no relacionamento social.

1.2.2 Os benefícios dos jogos e das brincadeiras

O lúdico é um espaço onde a criança, com prazer e liberdade se solta, e por isso é um ambiente onde ela também pode se motivar a aprender. É um grande motivador da criatividade e também da curiosidade. Através dele, a criança tem a possibilidade de aprender brincando e se divertindo, podendo estar sozinha ou em grupo (Catunda, 2008, p.42).

Os jogos e brincadeiras proporcionam experiências, possibilitando a conquista e a formação da sua identidade. O jogo é um excelente recurso para facilitar a aprendizagem, neste sentido, Carvalho (1992, p. 28) afirma que:

[...] o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e efetivo no curso do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade, denotando-se portanto em jogo.

Para Macedo, Petty e Passos (2005, p. 38), o brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança, sendo a principal atividade das crianças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência, como repouso, alimentação entre outras. Todas as crianças brincam se não estão cansadas, doentes ou impedidas. Brincar é envolvente, interessante e informativo. Envolvente, porque coloca a criança dentro de um contexto de interação em que suas atividades físicas e fantasiosas, fazem parte de um contexto de interação em que suas atividades físicas e fantasiosas, fazem parte de um mesmo contexto. Interessante, porque canaliza, orienta, organiza as energias da criança e informativo, porque, neste contexto, ela pode aprender sobre as características dos objetos e dos conteúdos pensados e imaginados.

Negrini (1994, *apud* Santos; Assunção, 2012, p.12) afirma ainda, que o brincar envolve várias dimensões como: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade. Estes são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a psicomotricidade da criança.

Machado (1994, *apud* Santos; Assunção, 2012, p.12) afirma que ao brincar adquire aprendizado para a vida, ela constrói seu próprio conhecimento sobre o mundo. Ao brincar incorpora vários personagens podendo ser quem ela quiser, desenvolvendo várias identidades, usando de sua memória e de experiências

anteriores. Ao entrar em contato com outras crianças, experiências se multiplicam aumentando de forma prazerosa seu conhecimento através da interação. É brincando que a criança fantasia, aceita desafios e melhora o seu relacionamento com o grupo em que está inserida.

Ao brincar a criança aprende a respeitar regras, ampliar seu relacionamento social e a respeitar a si mesmo e ao outro. É através do lúdico que a criança começa a expressar-se com maior facilidade, ouvindo e respeitando e discordando de opiniões, exercendo sua liderança, e sendo liderados, compartilhando sua alegria ao brincar.

Dentro de um ambiente, pueril o ato de jogar é um dos momentos mais importantes do brincar, uma vez que jogar é um brincar em um contexto de regras previamente definidas.

No jogo, se ganha ou perde-se, enquanto que nas brincadeiras, diverte-se, passa-se tempo, faz-se de conta. No jogo, as delimitações como tabuleiros, peças objetivas, regras, alternância entre jogadores, tempo, são condições fundamentais para sua realização enquanto que nas brincadeiras, tais condições não são necessárias (Macedo; Pett; Passos, 2005, p.47).

1.2.3 O lúdico na aprendizagem escolar

A criança começa a ter maior interesse por números, letras, palavras, significados, começa a aceitar e compreender regras. (Queiroz; Martins, 2002, p.09). Aproveitando esse interesse já existente na criança, o professor pode utilizar várias brincadeiras e jogos educativos que possuem esse conteúdo como ferramenta e reforço de aprendizagem.

Machado (1994, *apud* Santos; Assunção, 2012, p.17) fala sobre a atividade lúdica construtiva e inclui nelas o desenho, o faz de conta, o brincar com blocos e com sucata e atividades plásticas como argila, por exemplo.

Antunes (2002 *apud* Santos; Assunção, 2012, p.16) diz que “[...] a criança nasce com a habilidade para aprender, mas a aprendizagem em si ocorre com a experiência. Segundo ele a criança precisa de estímulos para desenvolver suas habilidades, mas deve ser dosado sem exigir muito da criança. Ela compara o excesso de estímulos com o excesso de alimentação, faz mal tudo que é exagerado. Aprender é uma forma de se adaptar ao ambiente, ela começa a entender e a ter consciência

das necessidades postas por ele, tendo um repertório para a construção de seu conhecimento. No entanto, a aprendizagem na infância possui limitações impostas pela maturidade. Por mais que insista uma criança não aprenderá determinadas coisas antes de estar pronta psicologicamente e fisicamente.

Para Kishimoto (1996, p.48), a descoberta da infância se dá a partir das associações produzidas pela criança no ato de brincar.

Dessa maneira, é necessário que o educador tenha grande consciência de que ao desenvolver o conteúdo programático, por intermédio do ato de brincar, não significa que está ocorrendo um descaso ou desleixo com a aprendizagem do conteúdo formal. Ao contrário, ao desenvolver o conteúdo mediante a proposição de atividades lúdicas, o educador está trabalhando com o processo de construção do conhecimento, respeitando o estágio do desenvolvimento no qual a criança se encontra e de uma forma agradável e significativa para o educador. A compreensão da brincadeira como ação livre da criança e os brinquedos aparecem como suporte da ação docente destinada a apropriação de habilidades e conhecimentos.

Esteban (1993, p.31) ainda afirma que para que a criança amplie seu conhecimento, é imprescindível que ela não se sinta ameaçada pela possibilidade de ser punida por seus possíveis erros e que não se sinta incapaz de acertar.

O conhecimento em construção é objeto privilegiado da ação do professor e das interações entre as crianças. Traz em si o novo conhecimento que impulsiona a ameaça criança em um instigante movimento que tem como ponto de partida e ponto de chegada a apreensão e a intervenção na realidade.

Para que a aprendizagem ocorra é preciso que a criança tenha maturidade pois ela atribui condição necessária para que ela aconteça. Caso contrário poderá prejudicá-la, pois cada criança tem o seu tempo para aprender, se ela não estiver pronta não adianta encher de informação que ela não assimilará.

Para Antunes (2002, *apud* Santos; Assunção, 2012, p.17) o jogo é um grande estimulador de inteligência, pelo fato de possibilitar a criança ser quem quiser, fazer o que quer, gerar nela o espírito de liberdade, dará a ela um espaço para ser “grande”, acrescentando-lhe no lado social a aceitação de regras e também envolvendo na brincadeira a fantasia, trabalhando o imaginário através da criação de um atalho no inconsciente, mundo em que ele gostaria de viver e o mundo em que realmente vive. O jogo é um ótimo meio de estimular a inteligência, pois nele a criança faz aquilo que deseja fazer, é o que quer ser.

Os jogos e brincadeiras devem ser atividades permanentes, permitindo a criança o contato com temas relacionados ao mundo social e natural. Podendo o professor trabalhar brincadeiras de outras épocas, regras que mudaram com o passar do tempo, como eram feitos os brinquedos, e até propor pesquisas envolvendo a família e a comunidade. Ele pode se tornar uma estratégia didática se tiver uma finalidade e se for orientado e planejado pelo professor.

1.3 Recursos necessários para a facilitação da aprendizagem

A facilitação da aprendizagem exige que os recursos necessários sejam organizados de forma a atender os objetivos estabelecidos, sendo obrigatório seguir os passos fixados como adequados para garantir um aprendizado significativo e aplicável às realidades vivenciadas.

1.3.1 Seleção e organização do conteúdo

A definição clara e precisa dos objetivos de aprendizagem é o ponto de partida para a escolha do conteúdo programático.

Esse conteúdo deve abranger os conhecimentos necessários, bem como os fatos, conceitos e ferramentas que serão vivenciados durante o processo de ensino e aprendizagem.

Tendo em vista o conjunto da capacitação a ser alcançado, em suas atividades mais pontuais, pode-se prosseguir com o planejamento de ensino, selecionando o conteúdo programático de maneira relevante para o campo de estudo e ajustado aos interesses e experiências prévias dos alunos

Para tanto, o conteúdo selecionado deve: auxiliar no alcance dos objetivos definidos; ser significativo dentro do campo do conhecimento; ser adequado aos interesses e experiências anteriores dos aprendizes, contribuindo para o seu desempenho; ser aplicável à situação real de trabalho; estar de acordo com a carga horária disponível.

1.3.2 Sequência e estrutura lógica do conteúdo

Após a seleção do conteúdo, o facilitador de aprendizagem deve pensar na sua organização, isto é, estabelecer a disposição dos temas, tópicos ou itens de forma sequencial e lógica, encadeada e hierarquizada, visando facilitar a compreensão da capacitação e favorecer a aprendizagem.

Assim, o facilitador (professor) deverá analisar, cuidadosamente, o conteúdo selecionado, distribuindo-o ao longo do tempo de aula disponível, de maneira que todo o período de aulas seja adequadamente aproveitado. Desta maneira, evitará aulas em que os alunos recebam acúmulo de informações e aulas que fiquem ociosos.

Conforme acentua Gagné (1965), a importância de esquematizar a sequência de aprendizagem permite que o professor não incorra em erros que se originam da omissão de etapas essenciais na aquisição de conteúdo relativo a um determinado campo de conhecimento.

Seria bastante cômodo, por exemplo, que uma pessoa pudesse progredir até a capacidade de organizar frases em uma língua estrangeira, sem ter aprendido anteriormente a utilizar palavras separadamente. Na realidade, porém, este salto não pode ser feito e, se o tentarmos, pode resultar em sério bloqueio que poderá permanecer por longo tempo. Em razão disso, é necessária uma sequência de aprendizagem e a estruturação lógica do conteúdo.

Acompanhar uma sequência lógica previamente planejada e, dessa maneira, evitar a omissão de conteúdos e de habilidades necessárias como requisitos prévios em qualquer caminho que conduza à aprendizagem, parece ser um processo de grande importância, que deve ser adotado para se alcançar eficiência no ensino.

Portanto, a organização dos conteúdos deve obedecer: sequência lógica-coerente com a estrutura e o objetivo do curso; gradualidade na distribuição adequada de pequenas etapas, considerando a experiência anterior dos participantes; continuidade que proporcione articulação entre os conteúdos.

Finalmente, devemos buscar um currículo integrado, ou seja, a elaboração de uma proposta de ensino que permita o cruzamento de conteúdo, viabilizando um processo de aprendizagem significativa e cumulativa, bem como o estímulo para que o aprendiz possa relacionar temas e construir referências teóricas mais complexas.

1.3.3 Estratégias e técnicas de ensino e recursos didáticos

A palavra estratégia é um daqueles vocábulos que parecem fugir das definições uníssonas. Ela é originária do grego antigo e nasceu associada à ideia do comando militar.

No contexto do planejamento estratégico, como conhecemos na atualidade, a palavra tornou-se um conceito funcional e essencial para distinguir regra geral, a ação tencionada ou projetada.

Porém, registram-se entre estudiosos e praticantes do planejamento estratégico nas organizações, a depender do contexto e das linhas de orientação teórica, distintos pontos de vista, ainda que não excludentes. Dentre eles, podemos destacar os exemplos que seguem: estratégia como estabelecimento de um propósito organizacional em termos de objetivos de longo prazo, programas de ação e definição de prioridades; estratégia como resposta às ameaças e oportunidades em função da definição de vantagens competitivas; estratégia como um padrão ou processo de decisões coerentes, consensuais e integradas; estratégia como investimento nos recursos tangíveis e intangíveis da organização para desenvolver as capacidades que assegurarão a sustentabilidade da vantagem competitiva; estratégia como forma de pensar o futuro, integrada no processo decisório, com base em procedimentos formalizados e articuladores de resultados.

No que tange à estratégia de ensino, a palavra estratégia derivada do grego *strategia* e do latim *strategia* "significa a arte de aplicar ou explorar os meios e as condições favoráveis e disponíveis, com vista à consecução de objetivos específicos". (Anastasiou; Alves, 2012, p 75-76).

Segundo Anastasiou e Alves (2012), estratégias de ensino são métodos ou técnicas desenvolvidas para serem utilizadas como meio de impulsionar o ensino e aprendizagem e o professor é considerado o verdadeiro estrategista, no sentido de estudar e propor as melhores ferramentas facilitadoras da aprendizagem. Através delas, ainda, "[...]aplicam-se ou exploram-se meios, modos, jeitos e formas de evidenciar o pensamento, respeitando as condições favoráveis para executar ou fazer algo".

A maneira pela qual o professor planeja suas atividades de sala de aula é determinante para que o grupo de alunos reaja com maior ou menor interesse, contribuindo com o modo como a aula transcorre (Mazzioni, 2013).

As estratégias de ensino, sob essa perspectiva, serão desenvolvidas a partir da situação de estudo, podendo ser: estudo do meio, painel integrado, experimentação, estudo de texto, oficinas temáticas, entre outras. (Freitas Filho *et al.*, 2008).

A situação de estudo é uma situação real (complexa, dinâmica, plural) e conceitualmente rica, identificada nos contextos de vivência cotidiana dos alunos, sobre a qual eles têm o que dizer e, no contexto da qual eles sejam capazes de produzir novos saberes expressando significados e defendendo seus pontos de vista. A situação de estudo vai romper para romper com a apresentação linear dos conteúdos científicos, desenvolvendo compreensões interdisciplinares (Freitas Filho *et al.*, 2008).

Desta forma, o processo de ensino e aprendizagem precisa ser contextualizado com a realidade dos alunos, pois contextualizar é uma estratégia fundamental para a construção de significações, na medida em que incorpora relações percebidas, enriquecendo os canais de comunicação entre a bagagem cultural e as formas explicitáveis de manifestação do conhecimento (Machado, 2000).

O surgimento do contexto pode oferecer possibilidades de envolvimento ativo dos alunos nas aulas, pois se opõe à fragmentação do conteúdo, oferece possibilidade de visão interdisciplinar, possibilita o surgimento de novos conhecimentos por meio dos próprios alunos e enriquece a construção do mesmo pelos discentes (Machado, 1999).

Assim, as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes devem ser capazes de sensibilizar (motivar) e de estimular nos alunos o ofício do aprendizado, deixando claro o papel que lhes cabe. Por sua vez, precisam estar cientes que as aprendizagens não se dão da mesma forma para cada indivíduo, portanto devem saber ouvir e atender a todos para poderem sanar qualquer problema que venha a ocorrer com algum de seus alunos.

Conhecendo os alunos com quem trabalha e suas necessidades, o professor consegue desenvolver técnicas e dinâmicas que tornem as aulas mais interessantes. Para isso, o professor precisa estar disposto a abrir mão de sua rotina e arriscar novas metodologias, visando atrair a atenção de seus alunos e facilitar o processo de aprendizagem, assegurando aos seus alunos a construção do conhecimento (Anastasiou; Alves, 2012).

Segundo Petrucci e Batiston (2006), as estratégias não são absolutas, nem imutáveis, constituindo-se em ferramentas que podem ser adaptadas, modificadas, ou combinadas pelo docente, conforme julgar conveniente ou necessário.

Os recursos didáticos a serem usados assumem diversas perspectivas podendo variar desde o simples uso do vernáculo e da lousa, até o uso de ferramentas tecnológicas avançadas, sempre valorizando a habilidade da leitura e da escrita, e o raciocínio lógico e crítico a ser despertado em cada pessoa/aluno, sendo dever do professor realizar o estímulo dessa habilidade.

CAPÍTULO 2 SABER FILOSÓFICO

2.1 Filosofia Tomista e sua contribuição para a Educação.

Na obra de Tomás de Aquino intitulada “Questões Disputadas Sobre a Verdade”, na Questão XI, com o nome de “SOBRE O MESTRE” Tomás de Aquino explica sobre a educação e sobre a função do professor no processo educacional.

Tomás de Aquino, considerado um dos maiores pensadores medievais, oferece uma visão sobre a educação que enfatiza a centralidade do professor como mediador do processo de aprendizagem. Para Aquino, ensinar é conduzir o aprendiz da potência ao ato, ou seja, transformar uma capacidade potencial em um conhecimento efetivo.

A Filosofia Tomista defende que o professor é um agente extrínseco que auxilia o aprendiz a ativar seu intelecto por meio da exposição de conceitos e da proposição de reflexões. Esse processo depende tanto do esforço do aprendiz quanto do domínio do professor sobre o conteúdo. A ciência, segundo Tomás, é causada interiormente na mente humana, mas depende de estímulos externos que desencadeiam o processo de aquisição do conhecimento.

Para Tomás, a educação não é apenas um meio de transmitir informações, mas um processo que desperta a racionalidade e a capacidade crítica. Ele compara o educador a um médico, que não cura diretamente, mas cria condições para que o corpo se regenere. De forma análoga, o professor não transfere conhecimento, mas guia o aluno para que este o adquira.

No artigo 1, Tomás de Aquino afirma que ninguém pode passar o conhecimento de coisas, e assim não pode lhe ensinar. Ensinar não é outra coisa que causar a ciência em outrem. O ensinamento é a transfusão de ciência do mestre para o discípulo. A ciência é causada interiormente na mente, não exteriormente no sentido. Segundo Agostinho, no livro Sobre 83 questões, “ [...] a sapiência que vem ao homem não se muda ela mesma, mas muda o homem.”

Aristóteles no livro VII da Ética, os hábitos das virtudes preexistem em nós algumas inclinações naturais que são como que começos das virtudes que após pelo exercício das obras, são levadas ao aperfeiçoamento. A virtude criada, entretanto, o que é nelas original e/ou virtual pode, pela ação da virtude criada, ser levado ao ato.

Pelo ensinamento, se faz o discípulo a ciência semelhante à que está no mestre, levada a potência do ato. A sapiência pode ser considerada de dois modos.

De um primeiro modo, segundo a relação com as coisas eternas, às quais se refere, e assim é imutável. Doutro modo, segundo a existência que tem no sujeito, tendo a ciência em potência, passa a tê-la em ato.

O professor estimula o intelecto para saber as coisas que ensina. Desta forma algo seja sabido por certeza é pela razão, posta internamente por ação divina, luz pela qual Deus fala em nós. O discípulo aprende do mestre só as conclusões.

No artigo 2, em relação às objeções, o homem que ensina exteriormente é como a causa instrumental que propõe ao intelecto agente os instrumentos pelos quais conduz a ciência. O professor é a causa da ciência. O ensinamento implica a perfeita ação da ciência no docente ou mestre.

No artigo 3, em relação às respostas às objeções são as seguintes: no intelecto agente mesmo sendo a causa principal com relação àquilo que o homem exteriormente ensina, nele não preexiste a ciência completamente. À segunda, é resposta é similar. À terceira, Deus conhece todas as coisas que por Ele o homem é ensinado, donde se pode atribuir a Ele a razão do mestre. À quarta, o modo de aquisição da ciência é mais perfeito da parte de quem recebe a ciência porque há a habilidade para conhecer. À quinta se comporta a lei no domínio prático da mesma maneira que o princípio no domínio especulativo. À sexta, o mestre ensina enquanto tem a ciência em ato. Todo aquele deveria ensinar a verdade; ensinando.

No artigo 4, relata sobre a visão docente que é princípio do ensinamento, mas o próprio ensino consiste mais na comunicação da ciência das coisas vistas do que na visão delas.

Tomás de Aquino, o Doutor Angélico foi um verdadeiro e exímio mestre, que se dedicou, com todo empenho, à práxis educacional como professor universitário, isto é, ele era essencialmente um professor, “[...] uma vocação que afeta a totalidade da vida: não é por acaso que o ‘professar’ ficou reservado para o professor [...]. Tomás cresce quando ensina e ensina quando cresce”.

Durante seus anos de magistério, além de despertar profundo entusiasmo entre os estudantes, o Angélico se preocupava, sobremaneira, em atender às necessidades de seus jovens alunos, buscando oferecer a estes um método apropriado de apresentação marcado por uma linguagem clara e precisa, como deixa transparecer o Prólogo de sua obra mais famosa, isto é, a Suma Teológica.

Em “De Magistro”, é mister pensar que a palavra educação não aparece nos escritos tomistas, sendo, porém sugerida por Lauand (2000, p.21), sugerida diversas

vezes em suas análises, compreendida como o processo de conduzir o conhecimento em ato a partir da potência. No caso da existência de uma potência ativa completa, o agente extrínseco somente fornece meios para que possa surgir, no agente intrínseco o ato, enquanto que preexiste como potência passiva, mas ativa, pois se preexiste como potência não puramente passiva, o homem não poderia adquirir conhecimento por si mesmo. Mais importante do que a distinção propriamente dita são as consequências oriundas de princípios teóricos. O aluno precisa da presença do Mestre para fazer a passagem da potência para o ato.

O ensino na compreensão tomista, de acordo com Mayer e Fitzpatrick (1936, p.14) não é mera transferência de conhecimento, nem verbalismo. Afinal, ensinar não é somente suscitar imagens a marcha reflexiva do pensamento no discípulo. Tomás de Aquino ensina que sempre o outro, é necessário que o aluno vá conferindo os conceitos do professor a fim de que o processo na mente do aluno acompanhe o processo do conhecimento na mente do professor. Para Tomás de Aquino o educador atua como agente extrínseco que age somente ajudando o agente intrínseco.

Compara o processo de ensino e aprendizagem com a cura e a missão do professor como a do médico. A importância do papel e da participação do aluno no processo educativo, nem por isso, deixa de assinalar a importância e a relevância do papel do educador para a concretização do mesmo. Para que o professor exerça com maestria e ser guia para o aluno na busca da verdade é essencial que ele tenha conhecimento que ele quer causar no aluno.

Portanto é necessário que o educador invista totalmente na própria formação para que, buscando alargar e aprofundar o conhecimento.

Tomás de Aquino é o maior filósofo dos filósofos medievais. Como também o melhor intérprete de Aristóteles na Idade Média. Dentro da Igreja é considerado o mais importante teólogo de todos os tempos.

Segundo Tomás de Aquino existe duas formas de adquirir conhecimento. Quando a razão atinge o conhecimento que não possuía e quando recebe ajuda de fora. O professor através de sinais e outros instrumentos de ajuda provoca o aluno e o faz chegar ao conhecimento que antes não existia. Neste sentido, Tomás admite que o professor seja a causa do conhecimento do aluno.

Somente aquele que tem o conhecimento em ato, mestre ou professor, está em condições de desenvolver o potencial do aluno. No ato de ensinar, Tomás encontra duas maneiras básicas: o conteúdo que trata o ensino e a pessoa a quem o ensino é

ministrado. O ensino como ato de ensinar é ato da vida ativa, todavia ato da vida ativa dimana de um transbordamento de contemplação.

A importância de Tomás de Aquino na Educação é sobretudo na antropologia filosófica. Em Tomás ocorre o dualismo platônico que era a doutrina dominante da época. Segundo alguns adeptos este tipo de dualismo há a inteligência humana só será possível se em cada caso ocorresse uma iluminação imediata de Deus.

A educação é um processo laborioso. O educador tem a missão de levar o ato a potência racional do infante.

Segundo Tomás de Aquino toda a potencialidade de conhecer está em Deus. A potencialidade de conhecer abre o intelecto para coisas inteligíveis a fim de obter o saber atual, que permite a apropriação do saber. Somente Deus possui o verdadeiro conhecimento e para que atinja o mesmo precisa conhecer ele. O bom uso da razão é que promove a aproximação entre Deus e o homem e esse é o principal objetivo do ensino segundo Tomás de Aquino. A sabedoria vem de Deus que ensina interiormente, e o professor faz o anúncio externo de que Deus lhe ensinou. Todo o conhecimento é causado interiormente por Deus na mente humana.

Tomás de Aquino destaca três aspectos de especial na atualidade do pensamento: a valorização do mundo atual, a valorização da virtude da prudência e a perspectiva da prudência negativa em filosofia.

O tratado da prudência em Tomás de Aquino é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa. A prudência é a virtude da inteligência. Mas da inteligência do concreto. O mérito da prudência em Tomás de Aquino é aliar o pensamento lógico aristotélico com a fé cristã.

Para Tomás de Aquino, o mestre da prudência, o conhecimento não depende da fé e nem da presença de uma verdade divina na vida do ser humano. Para ele cada ser humano tem uma essência particular a espera de ser desenvolvida. Todo ser humano para crescer e desenvolver precisa enfrentar desafios e superar obstáculos.

2.2 Diretrizes e parâmetros curriculares de Filosofia

A Filosofia, enquanto disciplina escolar, desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, reflexivos e conscientes de seu papel na sociedade. Apesar disso, sua história no Brasil foi marcada por um movimento de oscilações entre períodos de valorização e exclusão. A reintegração da Filosofia ao currículo do ensino

médio, especialmente a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Brasil, 1996), trouxe consigo novas possibilidades e desafios.

No Brasil, a Filosofia foi excluída do currículo escolar durante o regime militar, sendo substituída por disciplinas como Educação Moral e Cívica. Essa mudança refletiu um contexto de repressão política, em que a formação crítica e reflexiva era desestimulada. No entanto, a redemocratização do país reacendeu a discussão sobre a importância da Filosofia como instrumento para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

A LDB de 1996 trouxe novas perspectivas, estabelecendo que a educação básica deveria promover o desenvolvimento pleno do educando, incluindo o pensamento crítico e a autonomia intelectual. A partir de 2008, com as Orientações Curriculares Nacionais (OCNs), a Filosofia tornou-se disciplina obrigatória no ensino médio, reforçando sua relevância no contexto educacional.

Os parâmetros curriculares enfatizam que o ensino da Filosofia deve contribuir para a formação ética e cidadã. Isso inclui:

Desenvolvimento da autonomia intelectual: A Filosofia incentiva os estudantes a questionarem as informações recebidas, desenvolvendo a capacidade de argumentação e análise crítica.

Promoção da convivência democrática: Ao abordar temas como ética, justiça e direitos humanos, a Filosofia estimula a reflexão sobre valores que sustentam a vida em sociedade.

Integração com outras áreas do conhecimento: A Filosofia se conecta com disciplinas como Sociologia, História e Literatura, enriquecendo o repertório cultural e crítico dos estudantes.

Apesar das conquistas legais, a implementação do ensino de Filosofia enfrenta desafios práticos, como a formação insuficiente de professores especializados e a falta de materiais didáticos adequados. Além disso, a pressão por resultados imediatos, típica de uma educação voltada para o mercado, muitas vezes desvaloriza o papel reflexivo da Filosofia.

O ensino da Filosofia está vinculado à temas transversais ligados a ética, valores e atitudes cidadãs. Ao ser priorizado, o ensino de valores morais, o trabalho com os conceitos produzidos e sistematizados pela humanidade no decorrer da história da Filosofia.

A Filosofia apesar de presente na história da humanidade desde os primórdios,

nem sempre teve seu espaço garantido na escola como componente curricular. A partir de 1951, a Filosofia foi se afastando dos currículos dos cursos secundários de forma gradativa até se tornar uma disciplina optativa. Em 1971, no período da ditadura militar, ela foi afastada dos currículos das escolas públicas.

Em seu lugar foi inserida a disciplina de Moral e Cívica, no qual a presença de filosofia nas escolas não mais se justificava. Nesse período a educação passa a ser vista como um bem indispensável para o desenvolvimento do país. A educação voltou-se para a mão de obra barata especializada para atender a demanda industrial.

Procurava-se apenas formar indivíduos que tivesse capacidade de concentração, habilidade para trabalhar em grupo tomar decisões e resolver problemas relacionados a atividade profissional.

Em 1980, começam a irromper intensos movimentos operários e populares marcados pela autonomia e contestação a ordem estabelecida. Trata-se a luta pela redemocratização do Brasil. Os movimentos pós-democratização do país defendiam a formação escolar voltada à formação de um pensamento crítico com base no qual o indivíduo conseguisse refletir e analisar o mundo que o cerca.

Com a reorganização da produção capitalista, o Ensino Médio brasileiro passa por reformas. Nesse período no campo educativo se entrecruzaram duas perspectivas de formação: uma voltada para a conscientização política, outra para a formação do trabalhador com as qualidades para uma sociedade de produção de forma globalizada.

Com o ensino de Filosofia na LDB e nas OCNs, essa reestruturação implicou passar por uma lógica econômica privada e guiada pela ênfase na capacidade e competência que cada um deve ter no campo educacional para atingir uma melhor posição no mercado de trabalho. Os caminhos para a educação no Brasil passam a ser traçados como defasagem econômica já que a formação educacional deveria estar em consonância com as demandas da produção globalizada. A importância e a função da filosofia foram apresentadas pela lei natural foram apresentadas nesta lei de forma indireta ao se referir ao conteúdo de ética.

No inciso III, artigo 35, da LDB afirma ser necessário na formação escolar o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Já no parágrafo 36, inciso III, da LDB, o papel da educação básica é abordado de forma direta em relação ao domínio do conhecimento de filosofia e de sociologia como exercícios

necessários da cidadania.

A filosofia em sua vinculação com a ética conforme a LDB tem como função o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e o pensamento crítico. Isto é possível por meio do preparo do aluno para a cidadania, a boa convivência, a solidariedade, o espírito de ajuda mútua, a criatividade, a qualificação para o trabalho e a adaptação para que consiga viver num mundo em contínua transformação.

Com a publicação da LDB viu-se necessidade de elaborar um documento que organizasse os currículos das escolas por isso foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais com a orientação para o ensino de três áreas: Linguagem , Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza ,Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias permitindo tomar o ponto de partida dos valores do respeito ao bem comum, a ordem democrática e os que reforçam o vínculo com a família, valorizando a solidariedade e a tolerância às diferenças existentes na sociedade. Cabe ao ensino da Filosofia, segundo LDB e o PCNEM contribuir para a formação tornando possível ao sujeito o pleno exercício da cidadania.

No mesmo ano em que a disciplina de Filosofia passou a ser obrigatória foram lançadas as Orientações Curriculares Nacionais. Com relação a este documento prevê que essa área do conhecimento deve contribuir para que o indivíduo desenvolva competências e habilidades mais específicas como a reflexão, a análise crítica da realidade e a capacidade de emitir as mais diversas opiniões e posicionamento sobre diversos assuntos. Na OCNs não se menciona os conceitos filosóficos objetivados nos textos filosóficos. Segundo Luria (1991, p.81) é por meio da linguagem que o ser humano transmite aos outros conhecimentos produzidos. A linguagem permite ao homem assimilar conhecimento e por meio dele dominar um ciclo imensurável de conhecimento.

Portanto, o ensino da filosofia que leva em consideração o psiquismo deve promover a apropriação de conceitos filosóficos transformando em instrumentos simbólicos que mediarão a relação com o mundo.

2.3 A Filosofia e os processos racionais de reflexão

A Filosofia é, por excelência, uma prática reflexiva que se caracteriza por questionar o senso comum e buscar fundamentos para o conhecimento e a ação. Nesse sentido, a reflexão filosófica não se limita a respostas imediatas ou pragmáticas; ao contrário, busca compreender as raízes das questões e propor respostas que sejam rigorosas e abrangentes.

Saviani (1996) identifica três características fundamentais para um pensamento filosófico reflexivo: radicalidade, rigor e conjuntura, que tornam a Filosofia uma ferramenta indispensável para enfrentar os desafios contemporâneos, como as crises éticas, políticas e ambientais.

Na educação, a Filosofia desempenha um papel crucial ao fomentar a dúvida sistemática e a capacidade de análise crítica. Ao introduzir os estudantes à reflexão sobre questões como o sentido da vida, a justiça social e a ética, a Filosofia os capacita a pensar de forma autônoma e responsável.

A sociedade contemporânea, marcada pela complexidade e pela aceleração das mudanças, demanda indivíduos capazes de refletir criticamente sobre as transformações em curso. A Filosofia, ao incentivar a análise das estruturas subjacentes ao conhecimento e à ação, oferece ferramentas para que os cidadãos compreendam e influenciem os processos sociais e políticos.

A atitude filosófica inicia-se indagando: O que é? Como é? Por que é?, dirigindo-se ao mundo que nos rodeia e aos seres humanos que neles vivem e como se relacionam. São perguntas que envolvem a essência, a significação ou a estrutura e a origem de todas as coisas. Já a reflexão filosófica indaga: Por que? O que? Para quê?, dirigindo-se ao pensamento. São perguntas que envolvem a capacidade e a finalidade humana de conhecer e agir.

As indagações filosóficas se realizam de forma sistemática. A reflexão filosófica inicia questionando o senso comum. A atitude filosófica nos leva a descobrir as motivações, as razões e as causas para pensar o que pensamos e fazemos o que fazemos assim como a intenção e a finalidade de que pensamos. A filosofia está presente como a análise e a reflexão crítica a respeito dos fundamentos do conhecimento e do agir.

As características das reflexões e das atitudes filosóficas são pontos de contato entre as definições de Filosofia. A filosofia tem entre seus objetivos o de ajudar o ser

humano a encontrar a verdade. Para a filosofia a procura e a descoberta da verdade permitem através da transparência o desvelamento do que está encoberto pelo costume, pelo poder e pelo convencional.

A filosofia possibilita que homens e mulheres possam ir além da dimensão da realidade dada pelo agir imediato. A reflexão filosófica fornece ferramentas úteis para formular e compreender melhor os problemas atuais. Filosofar é descobrir a verdade visando a mudança. O homem ao ser livre e fazer suas escolhas torna-se responsável por elas. A reflexão quer fundamentar princípios científicos e éticos, estabelecendo um espaço bem definido e autossuficiente para a filosofia, a reconstrução quer guardar o lugar e interpretar os desenvolvimentos da ciência e os processos mais amplos da sociedade.

Para que haja entendimento do significado de reflexão filosófica, as contribuições de Saviani (1996) são importantes. O autor afirma que refletir é o ato de retornar, reconsiderar os dados disponíveis e revisar numa busca constante de significado. Na concepção de Saviani, para que um pensamento seja considerado reflexivo, este deve cumprir com algumas exigências: ser radical, rigoroso e de conjunto.

Em primeiro lugar radical exige-se que o problema seja colocado em termos radicais, entendida a palavra radical no seu sentido mais próprio e imediato. É preciso que vá até as raízes da questão, até seus fundamentos. Exige-se que se opere uma reflexão em profundidade. Em segundo lugar rigoroso, segundo métodos determinados, colocando-se em questão conclusões da sabedoria popular e as generalizações apressadas que a ciência pode ensejar. Em terceiro lugar, o problema não pode ser examinado de modo parcial relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido. É neste ponto que a Filosofia se distingue da Ciência de um modo mais marcante.

Na contemporaneidade, a filosofia da educação, como componente necessário para a formação dos educadores, tem contribuído com uma visão crítica a partir da reflexão da própria dúvida gerada nos questionamentos e discussões em sala de aula. Esses questionamentos, tal qual eram dos gregos na época, busca saciar a necessidade de buscar respostas às suas indagações e buscar o conhecimento.

O sujeito é levado a pensar. Desta forma, pode-se dizer que a consciência filosófica é um modo de todo conhecimento já instituído. Recorda-se a frase de René: “Penso, logo existo” (Descartes, 1988, p. 28). Quando o homem não reflete sobre si e

seu contexto, perde o sentido de compreender sua vida e o seu papel na sociedade tornando-se subordinado e alienado numa lógica capitalista que impera nas sociedades contemporâneas.

Segundo Medeiros *et al.* (2018, p.44), na atualidade, temos uma discussão em torno da Filosofia pós-moderna, também conhecida por “Filosofia da Complexidade”, a qual vem se estruturando a partir da filosofia contemporânea e fundamenta-se a partir de uma mudança de paradigmas, sobretudo no que se refere às pesquisas na área de educação.

No final do mundo medieval e início do mundo moderno, encontram-se diversas características que marcam a contemporaneidade. Destacam-se entre elas: a noção de indivíduo que ganha força a partir do século XIV, a formação de estados laicos, que buscam a independência em relação ao poder religioso e, sobretudo, o pensamento que estabelece, já desde o século XII, o revigoramento da filosofia e, portanto, da razão como necessária para reger a vida do homem e a construção da ordem social. Durante o século XVII a meados do século XVIII, período denominado de Idade Moderna, a filosofia passou a preocupar-se com novos assuntos, como as questões do conhecer.

Este período é marcado por importantes eventos como o renascimento científico, Galileu, Kepler, Newton, o desenvolvimento do mercantilismo e o absolutismo. Com os pensadores como Galileu, Descartes, Bacon, Hobbes, a filosofia passa a ser definida de outra maneira. A filosofia via ser vista como aquele conhecimento capaz de oferecer a fundamentação do conhecimento científico, cujo objetivo é dominar e controlar a natureza.

Neste período ocorreu o iluminismo (Montesquieu e Kant), ao Enciclopedismo (Voltaire, Diderot, Rousseau) a revolução industrial, revolução francesa e conformação política e econômica de um novo sistema de produção: o capitalismo.

Com a Idade Moderna vive-se um momento histórico marcado pela ideia de conquista e de apoderação da natureza. A marca da época é a possibilidade do homem- por meio do uso da razão e o conhecimento- dominar a natureza. A filosofia surge então como a justificativa teórica e racional de um conhecimento que pretende ser total e dominar a verdade.

Embora o método tenha sido sempre objeto de discussão dos filósofos, nunca o foi com a intensidade e prioridade concedidas pelos filósofos modernos. Até então a filosofia se preocupava fundamentalmente com o problema do ser, mas na Idade

Moderna a filosofia centra-se para as questões do conhecer. Então desta forma surge o interesse pela epistemologia.

O século XIX é o século do otimismo científico, filosófico social, artístico, presentes na afirmação de que a razão se desenvolvia plenamente para que o conhecimento completo possibilitasse o alcance dos objetivos almejados pela sociedade. Na ciência e na arte, esta afirmação se sustenta na confiança do aperfeiçoamento. Com o passar do tempo, na ideia do progresso permanente, de que o presente é melhor que o passado, e o futuro será melhor e superior, ao ser comparado ao presente.

No entanto, a Filosofia contemporânea, que compreende de meados do século XIX e chega aos nossos dias, questiona o otimismo racionalista. O século XIX é o século da descoberta do ser humano como ser histórico, da História ou da historicidade do homem, da sociedade, das ciências e das artes. Na esfera sociopolítica se evidenciava na real possibilidade de construção de uma sociedade justa; a Filosofia passou e apostou nas utopias revolucionárias.

No século XX, com o surgimento da Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a quebra da Bolsa de Nova York, a ascensão do fascismo na Itália, do nazismo na Alemanha, do stalinismo, da Segunda Guerra Mundial, a bomba atômica, a Filosofia também passou a desconfiar do otimismo revolucionário e das utopias e a indagar se os seres humanos, os exploradores e dominados serão capazes de criar e manter uma sociedade nova, justa e feliz.

Na idade Contemporânea a Filosofia se interessa pela teoria do conhecimento, a ética e a epistemologia, pelo conhecimento das estruturas e formas de nossa consciência e também pelo seu modo de expressão, isto é, a linguagem. O interesse pela consciência reflexiva ou pelo sujeito do conhecimento deu surgimento a uma corrente filosófica que é a fenomenologia, iniciada pelo filósofo alemão Husserl. Já o interesse pelas formas e pelos modos de funcionamento da linguagem corresponde a uma corrente filosófica conhecida como filosofia analítica cujo início é atribuído ao filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein.

No entanto, a atividade filosófica não se restringiu à teoria do conhecimento, a lógica, à epistemologia e à ética.

Desde o início do século XX, a História da Filosofia tornou-se uma disciplina de grande prestígio e com ela a história das ideias e a história das ciências. Desde os anos 70, com a luta da democracia em países submetidos a regimes autoritários, um

grande interesse pela filosofia política ressurgiu, e com ele, as críticas de ideologias e uma nova discussão sobre as relações entre a ética e a política, além das discussões em torno da filosofia da História.

Atualmente, o movimento filosófico conhecido como pós-modernismo, vem ganhando preponderância. Seu alvo principal é a crítica de todos os conceitos e valores, que, até hoje, sustentaram a Filosofia e o pensamento ocidental: razão, saber, sujeito, objeto, História, espaço, tempo, liberdade, necessidade, natureza, homem, etc.

A teoria do conhecimento se caracteriza por uma preocupação com a busca de princípios gerais que permitam formular crenças verdadeiras sobre a realidade. Essa ideia está presente na obra de Platão e é, em larga medida, o que caracteriza o pensamento aristotélico. É com Aristóteles que a filosofia ganha uma consciência mais definida acerca do método a ser adotado quando o assunto é o conhecimento e a formalização de regras que pudessem garantir a validade de raciocínio e argumentos. O objeto da lógica é o estudo dos procedimentos corretos que devem orientar uma investigação.

A ética é o estudo dos fundamentos da ação humana. A ética possibilita a análise crítica para a atribuição de valores, defende a existência dos valores morais e do sujeito que age a partir de valores, como a consciência, responsabilidade e liberdade, no sentido da luta contra toda e qualquer forma de violência. A ética é definida como parte da filosofia que analisa os fundamentos da ação humana, o seu significado, a sua validade, assim como o fundamento dos padrões dos limites, normas e orientações para a conduta humana. Para Lessa, a ética é a expressão explícita das necessidades humanas, é importante para que os homens tomem consciência do que são, das suas reais necessidades como seres humanos.

A estética é um ramo da Filosofia que tem por objetivo o estudo da natureza do belo e dos fundamentos da arte. Ela estuda o julgamento e a percepção do que é considerado belo, a produção das emoções pelos fenômenos estéticos, bem como as diferentes formas de arte e da técnica artística, a ideia de obra de arte e de criação; a relação entre matérias e formas de artes. Por outro lado, a estética também pode ocupar-se do sublime ou da privação de beleza.

Portanto ao longo do tempo a filosofia tem tido áreas de estudo diversas segundo seu contexto histórico, Entre os grandes temas de investigação da filosofia

encontramos: teoria do conhecimento, filosofia da ciência, lógica, ética, filosofia política, história da filosofia, entre outras.

2.4 A Filosofia e sua contribuição para o sentido da vida humana

O questionamento sobre o sentido da vida é um dos temas centrais da Filosofia, abordado por pensadores de diferentes tradições e épocas. Em um mundo marcado pela fragmentação e pela superficialidade, a Filosofia convida os indivíduos a uma reflexão profunda sobre sua existência e sobre os valores que orientam suas ações.

Filósofos como Nietzsche, Frankl e Sartre oferecem perspectivas distintas, mas complementares, sobre a busca pelo sentido. Nietzsche propõe que a vida deve ser vivida como uma obra de arte, enquanto Frankl, ao vivenciar os horrores dos campos de concentração, argumenta que o sentido da vida reside na capacidade humana de superar adversidades. Sartre, por sua vez, enfatiza a liberdade e a responsabilidade individual como elementos centrais na construção de uma existência autêntica.

Refletir sobre o sentido da vida pode parecer uma neurose obsessiva, uma busca por algo em si mesmo, para além do próprio indivíduo, ou, ainda, tornar-se uma descoberta que norteia a vida das pessoas. Entretanto, independente dessas possíveis respostas, que já podem configurar, inclusive, conclusões um tanto apressadas, colocar a questão do sentido nunca fez tanto sentido em uma sociedade em que parece que nada faz sentido.

As grandes instituições parecem já não conseguirem mais responder a vida das pessoas, enquanto lutam no seu dia a dia para sobreviverem. Muitas instituições com seus grandes representantes vivem no mundo das ideias. São demagógicas, com seus discursos enfadonhos, vazios, enfim repletas de ideias fantasiosas.

Dar autonomia é sair da condição de camelo, que carrega pesados fardos e aprender a amar a vida na sua plenitude. Significa uma tentativa de viver sem suposições, mas abraçando sua própria condição finita.

As aves de rapina gostam de manter suas vítimas machucadas para perderem suas forças e as submeterem até sua morte.

Entretanto, é melhor escolher pela vida, pela possibilidade de tomá-la em suas próprias mãos e não dar às aves que amam macerar. Jamais deixando de reconhecer conquistas políticas, sociais, culturais e institucionais. É claro que seria bom exultar de alegria com a educação, com a saúde, com a segurança pública, com bons

salários, mas isso não é possível, pois a ganância e a corrupção ainda perpassam o cotidiano da vida.

Diante de tudo isso, a impressão que se tem é que a questão do sentido nunca fez tanto sentido, faz muito sentido num mundo em que tudo parece já não ter mais sentido algum.

Voltando para a Filosofia Antiga, é notável que os grandes sistemas, o platônico e o aristotélico já não respondiam mais aos cidadãos da Grécia, pois o império de Alexandre Magno se difundiu. Os filósofos já não se preocupavam tanto com a natureza e sua busca pela causa primeira e nem com a manutenção da cidade-estado (polis), mas sim com a conquista de uma vida feliz, como se sabe, o cinismo, o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo. A filosofia se voltava mais para um modo de vida de cada indivíduo do que para uma preocupação institucional de estruturas rígidas para a vida coletiva.

Questionar sobre o sentido da vida parece oportuno e é um questionamento que suscita outros questionamentos. É uma indagação que se impõe e pode causar angústia pois exige olhar para si mesmo e perceber a própria história. Como afirma Rollo May: o homem é um mamífero histórico no sentido em que é capaz de sair de si mesmo e contemplar a história, influenciando assim seu desenvolvimento como pessoa.

Segundo Silva (2023) não é tão simples fazer escolhas, encontrar uma direção, um caminho, pois não é possível desconsiderar os condicionamentos próprios de cada um, a minha e a sua condição psicossocial. Cada um tem a sua própria história, recheada com seus mais diversos componentes: as conquistas, os fracassos, as inseguranças, os medos, entre outras circunstâncias. Por isso, não basta dizer que é livre o que se esconde para não escolher. A vida não se reduz somente a escolhas, a vida exige muito mais.

Para o filósofo Paul Ricouer, só apreende a si mesmo no próprio esforço por existir e no desejo de ser. Para o filósofo, uma pessoa se conhece através do esforço e da vontade para ser, passando pelas obras que dão testemunho da sua própria ação no mundo. Pelo esforço e pela vontade de ser, pode-se abrir às diversas possibilidades da cultura. A pessoa pode se conhecer através de seus próprios atos

Desta forma, pode-se dizer que não basta fazer escolhas, é necessário também esforço, vontade e abertura de si. Neste último ponto, Jean Paul Sartre e Paul Ricouer se aproximam, pois para ambos é com o próprio esforço e vontade de existir que

descortina a possibilidade para si mesmo e ainda ultrapassar as condições dadas a vida. Pensar num sentido, num primeiro movimento, não seja apreender a tomar a vida pelas próprias mãos e passar a viver. É necessário lutar para crescer todos os dias.

É importante parar de olhar a vida pelo que poderia ser, mas tomá-la pelo que pode ser. Olhar antes de tudo para as várias possibilidades e possíveis superações, mas sem precisar encontrar encaixes em padrões predeterminados. É preciso parar de tentar encontrar justificativas, mas assumir a própria existência.

O filósofo Jean Grondim, a partir de Friedrich Wilhelm Nietzsche a vida parece que tem sentido quando é capaz de tomá-la nas próprias mãos, fazendo dela uma obra de arte. Tomar as mãos nas próprias mãos pode ser encontrar o mínimo necessário para sobreviver; talvez seja o pedido de socorro para o alimento diário, tentar encontrar um trabalho, tentar encontrar um caminho com seus familiares. As possibilidades são inúmeras, mas o importante é o aqui e agora, a tomada de decisão, a confiança de que a vida pode ser transformada.

Pode-se perguntar: O que é o sentido? Qual o seu significado?. Para tentar responder aos questionamentos, o psiquiatra e filósofo Viktor Frankl pode ajudar. Ele vivenciou o limite da existência humana num campo de concentração, e afirma que o homem é capaz de auto-transcender ou superar a si próprio em função de um sentido.

Para ele, o homem é incondicionado na medida em que não se deixa absorver na sua condicionalidade. É um lutador e pode sempre ir além de si mesmo, ainda que em condições subumanas.

Diz ele: a “[...] existência de sentido [...]” (Frankl, 1991). Eu e você podemos superar os condicionamentos podendo ir além e crescer. Para ele, é confronto entre a existência e o logos. É tomar o logos por motivação da existência. O logos pode ser traduzido por sentido, o qual motiva a existência humana. É o que dá razão de ser à existência. Diz Viktor Frankl, o que “[...] homem realmente quer, em derradeira instância acordar todos os dias na busca de seus próprios sonhos. Na busca de encontrar o próprio caminho, num esforço de aproximação entre o existir e a vida.

O ser humano é antes de tudo um ser essencialmente histórico, está inserido num espaço histórico concreto, a cujo sistema de coordenadas não longa arrancar-se. E este sistema de relações está determinado, em cada caso, por um sentido, se não inconfessado, talvez inexprimível.

Portanto é na tentativa de encontrar o sentido, dentro do meu próprio espaço, que desperta para o que pode motivar a vida. É assim que o ser humano tem a missão específica na vida. Somente a própria pessoa despertar para o que é mais original e autêntico para a própria existência.

A reflexão filosófica não é uma atividade isolada; ao contrário, está profundamente conectada às práticas cotidianas. Ao questionar o senso comum e propor novas perspectivas, a Filosofia ajuda os indivíduos a transformar suas vidas e a sociedade em que vivem.

CAPÍTULO 3 - O ATO DE FILOSOFAR PARA AS CRIANÇAS.

A busca de compreender a relação entre filosofia e a formação de conceitos de infância segundo Mathew Lipman.

A análise sobre a filosofia da infância, concepção original de Lipman que propugna uma educação voltada para a busca da excelência do pensar por meio de habilidades do conceituar.

A filosofia implica em pensar sobre seus próprios processos de pensar, este pensar sobre a conceituação aprimorou sob a forma de habilidade de pensar.

Segundo Lipman entende que a filosofia é um campo de conhecimento fundamental para a sociedade, decorrendo a importância para a educação. Ele considera que a filosofia tem como objeto de estudo os conceitos, e, por isso, apurou esta habilidade essencial para o ser humano entender a vida e condução da ação no mundo. Sem o trabalho filosófico de conceituar a experiência não conseguimos compreender-nos como sujeitos sociais, nem o que está para além do imediato, aparente e histórico na existência. A filosofia, portanto, é muito benéfica para as pessoas que procuram formular conceitos que possam efetivamente representar aspectos de sua experiência de vida. (Lipman, 1994, p.52).

Neste sentido, a filosofia se constitui num campo de conhecimento de base à sociedade e à educação. Como a sociedade é constituída pelos conceitos que lhe dão identidade cultural, a educação é a mediação de apropriação sempre renovada pelos conceitos pelas pessoas para continuidade da sociedade. Na educação, os conceitos são elementares à constituição dos estudos de qualquer área do conhecimento e à consequente inserção social.

Para Lipman, a tarefa da filosofia é trabalhar sobre o conceito: análise reflexiva de crítica, criatividade e cuidado. Para este filósofo, o trabalho da filosofia como disciplina voltada para pensar os conceitos é feito levando consideração formas alternativas de agir, criar e falar. (Lipman, 1994, p.143)

A abordagem de Lipman envolve criar um ambiente investigativo em sala de aula, onde as crianças possam explorar questões filosóficas de maneira aberta e colaborativa. Essa metodologia inclui:

Histórias filosóficas: Narrativas que apresentam dilemas ou questões éticas e incentivam a reflexão.

Comunidade de investigação: Um espaço onde as crianças dialogam, argumentam e constroem conhecimento em conjunto.

Facilitação ativa: O professor atua como mediador, incentivando os alunos a aprofundar suas ideias e questionar suposições.

Esse método visa desenvolver habilidades como o pensamento crítico, a empatia e a capacidade de resolução de problemas.

A introdução da Filosofia na infância pode transformar a maneira como as crianças aprendem e se relacionam com o conhecimento. Ao estimular a curiosidade e a reflexão, a Filosofia ajuda as crianças a se tornarem mais conscientes de suas próprias ideias e do mundo ao seu redor. Além disso, promove habilidades como:

Autonomia intelectual: A capacidade de pensar por si mesmo e formar opiniões fundamentadas.

Colaboração: Aprender a ouvir e respeitar diferentes perspectivas.

Criatividade: Explorar soluções inovadoras para problemas complexos.

As crianças guardam em si as características inerentes do filósofo, qual seja a capacidade de observar, inquietar-se e desejar aprender sobre as coisas que estão ao seu redor, acreditando no outro que se dispõe a articular com ela o raciocínio. Sendo que é verdadeiramente o exercício do raciocínio que vai sendo capaz de dar condições à criança/pessoa de discernir sobre a verdade de maneira racional e ética e comprometida com a integralidade do que é o ser humano.

3.1 Metodologias e técnicas de construção do saber filosófico nas crianças.

No final da década 1960, Lipman lançou a ideia de que as crianças podem e merecem ter acesso à filosofia e, na tentativa de provar suas convicções, desenvolvendo uma metodologia e um currículo específico, assim como materiais didáticos acessíveis à faixa etária dos alunos, na intenção de que sua ideia fosse uma realidade.

Para implementar a Filosofia no contexto da educação infantil, é necessário adotar metodologias específicas que respeitem as características cognitivas e emocionais das crianças. A seguir, aprofunda-se as abordagens mais eficazes nesse processo.

O diálogo é a base do ensino filosófico para crianças. Ele permite que os alunos expressem suas ideias, ouçam outras perspectivas e reconstruam seus argumentos.

Essa prática, inspirada no método socrático, valoriza o processo de questionamento e busca pelo entendimento coletivo (Lipman, 1995).

Atividades práticas, como oficinas temáticas e jogos, podem tornar o ensino filosófico mais acessível e engajador. Essas dinâmicas incentivam as crianças a explorar conceitos filosóficos de forma lúdica e interativa, promovendo uma aprendizagem significativa (Lipman, 1995).

A Filosofia deve ser apresentada às crianças de maneira contextualizada, conectando os conceitos abstratos às suas experiências cotidianas. Isso ajuda a tornar o aprendizado mais relevante e facilita a internalização das ideias (Lipman, 1995).

Parte-se do princípio que através de um ambiente investigativo em sala de aula, acredita-se que, ao se trabalhar a perspectiva da filosofia com crianças, elas serão despertadas para o conhecimento, descobrindo situações de vivências mais significativas no seu cotidiano, o que as levará a adquirir autonomia na construção de criação e escolhas, o que modificará sua maneira de pensar e agir.

Filosofia para criança é uma ideia que vem se desenvolvendo em alguns países com uma grande facilidade. No Brasil são poucos os professores que se arriscam em aplicar essa ideia, mas que tende a se expandir. Nessa perspectiva, o saber pensar constrói um papel na vida escolar dos alunos. A ideia de investir na educação para o pensar ainda na infância pode ser uma realidade de todo Brasil (Lipman, 1995).

A filosofia propõe a ampliação do desenvolvimento das habilidades dos estudantes, ao ser colocada por meio do diálogo a aprendizagem é motivada, e tem o foco de fazer a criança pensar de modo reflexivo, formando cidadãos capazes de solucionar problemas e viver de uma forma ética e investigativa. Com a incorporação da perspectiva metodológica cujo foco sobressalta os aspectos que direcionam as crianças para o pensamento reflexivo onde elas estão estimuladas a modificarem seus conceitos e atitudes, a respeito de determinados temas, permitindo que as próprias ideias ampliadas, e a curiosidade também aumentada, pois a criança deve ser direcionada para reflexão, e aprofundamento do imaginário (Lipman, 1995).

É possível ensinar as crianças do ensino fundamental anos iniciais, que a filosofia está em seu mundo, que a reflexão pode ser desenvolvida de forma que fique visíveis seus pensamentos usando frases completas nas exposições de suas ideias, ou na busca de respostas. Um dos objetivos da filosofia para crianças é mostrar que o conhecer é um processo grupal social, pois a socialização ocorre no seu cotidiano,

em casa, na escola, na interação com seus colegas e professores. Tendo em vista que a filosofia propõe a ampliação do desenvolvimento das habilidades dos estudantes, ao ser colocada em prática, através do diálogo se motiva a aprendizagem, e tem o foco de levar a criança a pensar de modo reflexivo, com o propósito de formar cidadãos capazes de solucionar problemas, e viver de uma forma ética e investigativa.

Já que a tentativa filosófica comporta a ideia e a prática que interagem e se influenciam mutuamente. Importante frisar que uma ideia é de introduzir a filosofia para crianças, ou seja, pôr as crianças a vivenciarem a sua história, os seus métodos e seus problemas, e, outro aspecto importante é dispor de tudo que é necessário para concretizar essa ideia, que são as instituições (Lipman, 1995).

Portanto em meio a inúmeros fatos que justificam a importância do ensino de filosofia na educação básica, alguns autores enfatizam que ela atende uma das necessidades básicas de todo ser humano: a tentativa de se compreender. Para isso é possível utilizar dados da experiência bem como aqueles que provêm das mais diversas ciências.

3.2 Avaliação crítica e integrativa da construção do saber filosófico.

Avaliar o ensino de Filosofia exige um enfoque diferenciado, que vá além da simples memorização de conteúdo, sendo necessário valorizar a capacidade de reflexão do indivíduo. A avaliação deve considerar aspectos como a capacidade de reflexão, a habilidade de articular argumentos e a aplicação do pensamento filosófico em situações concretas.

Os critérios de avaliação propostos são os seguintes: **Engajamento com as Questões Filosóficas:** Avaliar o interesse e a disposição do aluno para explorar temas complexos; **Desenvolvimento do Pensamento Crítico:** Observar a capacidade do aluno de questionar pressupostos e propor soluções fundamentadas; **Contribuição para o Diálogo:** Reconhecer a participação ativa do aluno nas discussões coletivas.

Para se fazer uma avaliação devem ser considerados vários elementos constituintes do processo de aprendizagem, quais sejam: aquisição do conteúdo programático, capacidade de reflexão e partir de conceituação teórica científica, aplicação da teoria na prática intelectual, ou seja, na produção científica de

conhecimento, auto avaliação do processo de envolvimento no conteúdo e na reflexão filosófica.

Sabemos dos problemas enfrentados tanto pelo professor quanto pelo estudante, na aquisição de conteúdo filosófico, sendo o primeiro deles a educação global, ou seja, os primeiros e o segundo degraus mal feitos gerando a falta de capacidade em aprofundar questões, pensar uma dada realidade e mais ainda posicionar-se frente à política, à economia, à sociedade e à própria percepção de mundo. O professor tem que assumir o papel de mágico, ao mesmo tempo transmitir conteúdo e ensinar pressupostos elementares que já deveriam ser domínio do aluno (Lipman, 1995).

Os processos de avaliação e percepção da realidade fazem parte da construção do saber filosófico para que as crianças possam aprender a realizar a verificação de aprendizagem no processo de busca racional pela verdade.

CONCLUSÃO

O trabalho de término de curso relatou a importância do ensino da filosofia desde da infância. Ensina o ser humano a ser virtuoso desde então. Pois, na infância a personalidade está se formando. Uma vez convivendo com outros indivíduos virtuosos serão pessoas que irão saber viver e conviver de forma harmoniosa.

Com relação ao ensino da filosofia na educação elementar é bem proveitoso porque ensina a criança a pensar de forma construtiva, levando o educando a realmente observar, interpretar, analisar, sintetiza e aplicar o conhecimento no cotidiano.

Atualmente o educando necessita de zelo e atenção porque a realidade que se vive, os pais não estão conseguindo educar de forma eficaz seus filhos. As crianças precisam ser ouvidas, olhadas nos olhos, respondidas em suas questões e com a possibilidade de partilhar suas opiniões. Sendo corrigidas sempre que for necessário desde que em casa ou na escola, as pessoas que estão na função de autoridade realmente façam o que precisam ser feito. Não transferindo responsabilidades para outras pessoas e muito menos exigindo da escola algo que o educador não poderá dar diante do contexto escolar como também das outras crianças que precisam ser formadas e não somente instruídas.

Na prática educacional é necessário que a sala de aula seja um campo de investigação levando o aluno a raciocinar de acordo com a razão e em equilíbrio com a vontade e a liberdade. Pois a criança precisa ser livre para construir. A criança é capaz de tudo aprender se for acompanhada por um mediador competente e comprometido com o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

Nesse processo de ensino e aprendizagem, conduzida pelo professor, inclusive por meio do brincar na educação infantil, a criança terá condição de compreender o mundo a partir de uma atitude filosófica e libertadora, que promove a sua autonomia e emancipação.

Portanto a filosofia favorece o processo educacional dos educandos através da construção do conhecimento e sabendo viver e conviver na sociedade de forma integrada e harmoniosa.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P (Org.). **Processos de Ensino na Universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 10. ed. Joinville: UNIVILLE, 2012.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da educação**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A Criança em Desenvolvimento-12**. Artmed editora, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 9394/96**. A lei estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 12/03/2024.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2006. 110 p.

CARVALHO, A.M.C. *et al.* (Org.). **Brincadeira e cultura**: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

CBFC. **Educação para o pensar**. Coordenação de Marcos Antônio Lorieri. Direção do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças. São Paulo: CBFC, 1999. 1 fita de vídeo, NTSC, VHS, son., color.

COELHO, Ildeu. **Comunicação pessoal**. Goiânia: Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás, 2005.

CÓRIA-SIBINI, M. A.; LUCENA, R. F. **Jogos e brincadeiras na Educação Infantil**. 4 ed. Campinas-SP: Papirus, 2008.

CUNHA, J. A. **Filosofia na educação infantil**: fundamentos, métodos e propostas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

DESCARTES, R. **Discurso do Método**: As Paixões da Alma, Tradução e Notas: N. Macedo. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. 1988. Ed. Vozes, 1991.

ESTEBAN, Maria Teresa. Jogos de encaixe: educar ou formatar a pré-escola? In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Revisitando a pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 21-36.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: Um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis:

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS FILHO, J. R.; LIMA, R. DA S. ; NASCIMENTO, A. ; SILVA, A. C. ; FREITAS, A. P. D. ; SOUZA, Z. C. . Diferentes estratégias de ensino utilizadas em cursos de graduação. In: **XIV Encontro Nacional de ensino de Química, 2008**, Curitiba. XIV Encontro Nacional de ensino de Química, 2008.

Gagné, R. **The Conditions of Learning**. New York: Holt, Rinehart And Winston. 1965.

GIANOLLA, M.S.S.O programa de desenvolvimento pessoal e social e o ensino de filosofia 2006.127f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Sorocaba-SP, 2006.

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997.

JEAN LAUAND, “Antropologia e Formas quotidianas - a Filosofia de S. Tomás de Aquino Subjacente à nossa Linguagem do Dia-a-Dia”, In LAUAND, L. J., **Actualidad del Pensamiento de Tomás de Aquino**, Salamanca, Editorial Arvo, 2000

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KOHAN, W & Waksman, V. (Orgs.) (1999), **Filosofia para crianças na prática escolar**. Petrópolis: Ed. Vozes.

KOHAN, W.O; LEAL, B; RIBEIRO, A (orgs). **Filosofia na escola pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LEONTIEV, Aléxis. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento infantil. In: Vygotsky, Lev S. **Linguagem. Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus Editoria. 1990.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, M; SHARP, A.M; OSCANYAN, E.S. A filosofia na sala de aula. Tradução de Ana Luiza Fernandes Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Volume II. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. **Quatro cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtiva e psicopedagógica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MALACARNE, V. **Formação dos professores e o Espaço da Filosofia**. São Paulo, 2005. Texto de Qualificação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

MARAFON, Danielle. **Educação Infantil no Brasil: um percurso histórico entre as idéias e as políticas públicas para a infância**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação) Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná,

2012. Disponível em:

https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/ZjxYEbbk.doc. Acesso em 11 nov. 2024.

MARTINS, J.R.; NUNES, M.V. da S. 245 **Jogos Lúdicos para Brincar como nossos Pais Brincavam**. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2011.

MARTORELL, Gabriela. **O desenvolvimento da criança**: do nascimento à adolescência. AMGH Editora, 2014.

MATHEWS, G. **A Filosofia da Infância**. Lisboa. Instituto Piaget. 1997.

MAYER, Mary Helen; FITZPATRICK, Edw. A. **Filosofia da Educação de Sto. Tomás de Aquino**. (Adap.) Maria Ignêz de Moraes Cardim. São Paulo: Odeon, 1936.

MAZZIONI, Sady. As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT**, v. 2, n. 1, p. 93-109, 2013.

MEDEIROS, Liziany Müller; GOMES, Roberto Luiz; GALLO, Sílvio; PAGNI, Pedro Angelo. **Filosofia da educação**. 1. ed. Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018. E-book.

PAPALIA, D. **Psicología**. México: McGraw-Hill, 2000.

PETRUCCI, Valéria Bezzera Cavalcanti; BATISTON, Renato Reis. Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade. In: PETRUCCI, Valéria Bezzera Cavalcanti; BATISTON, Renato Reis. **Didática do ensino da contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

PINTO, A.; CACHEL, J. G. **Livro de Referência para Atuação Docente**. 1. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

QUEIROZ, Tânia Dias e MARTINS, João Luiz. **Pedagogia Lúdica: Jogos e brincadeiras de A a Z**. São Paulo, Rideel, 2002.

RIERI, M. (2004). **A proposta de ensino de Filosofia para crianças de Mathew Lipman**. São Paulo.

ROLLA, N. (2004). **Filosofia para Crianças**. Porto ED.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 11ª Edição. Campinas: Autores Associados, 1996.

SILVEIRA, R.J.T. **A filosofia vai à escola?** Contribuição para a crítica do programa de filosofia para crianças de Mathew Lipman. São Paulo: Autores Associados, 2001.

TOMÁS DE AQUINO. AQUINO, Tomás de. **Questões disputadas sobre a Verdade**. Trad. Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Campinas: Ecclesiae, 2015.

VIEIRA, Fátima; LINO, Dalila. As contribuições da teoria de Piaget para a pedagogia da infância. In: OLIVEIRA-FORMOSINO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. **Pedagogia(s) da infância**: conversando com o passado – construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WARTOFSKY, Marx W. A construção do mundo da criança e a construção da criança do mundo. In: KOHAN, Walter Omar. **et.al., Filosofia e Infância possibilidades de um encontro**. Petrópolis: Vozes, 2000.